Mídia e Religião: o Tratamento Televisivo do Chá Religioso Ayahuasca

Isaac Roberto Ferreira*

*Graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo (UFAL, Alagoas, Brasil). Endereço eletrônico: woodstock_rif@hotmail.com

ISAAC ROBERTO FERREIRA

MÍDIA E RELIGIÃO: O TRATAMENTO TELEVISIVO DO CHÁ RELIGIOSO AYAHUASCA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

MACEIÓ, 24 DE MARÇO DE 2010

ISAAC ROBERTO FERREIRA

MÍDIA E RELIGIÃO: O TRATAMENTO TELEVISIVO DO CHÁ RELIGIOSO AYAHUASCA

Trabalho de conclusão de curso (TCC) realizado como requisito parcial para a graduação em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo.

Orientador: Ph D. Antonio Francisco Ribeiro de Freitas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

MACEIÓ, 24 DE MARÇO DE 2010

Agradecimentos

Agradeço a Deus, Força Superior e Arquiteto do Universo, pela oportunidade em realizar esta monografia.

Aos queridos e amados irmãos do Centro de Harmonização Interior Essência Divina, em especial ao amigo Mestre Dr. Carlos Fabiano Brandão, pela amizade, companheirismo e disposição em me ajudar.

Ao amigo Wagner Lins Lira, por ter incentivado e ajudado a coletar boa parte do material que auxiliou na construção desse trabalho.

Aos queridos irmãos da União do Vegetal – Núcleo Flor de Maria, em Ipioca, pela recepção afável, o carinho e boa vontade.

Ao professor Dr. Antonio de Freitas, meu orientador, pela dedicação de sempre.

Aos professores Magnólia Andrade, Silvia Martins, Wagner Ribeiro e Alessandra Brandão, pelo incentivo.

E a todos os amigos e colegas que me deram força e me encorajaram.

Sou imensamente grato.

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família, em especial meus pais José Cícero Ferreira e Ana Lucia Mª Ferreira, pelo empenho em me ensinar a importância do conhecimento.

RESUMO

FERREIRA, Isaac Roberto. **Mídia e religião: o tratamento televisivo do chá religioso ayahuasca.** Maceió, 2010, 59p. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Curso de Comunicação Social, Jornalismo, Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes - Universidade Federal de Alagoas.

Análise da abordagem utilizada pela mídia televisiva sobre as religiões que não possuem raízes semíticas, em especial as que utilizam o enteógeno ayahuasca, destacando a história dessas religiões e o preconceito em sua abordagem. O monopólio católico e evangélico nas principais emissoras de televisão brasileiras contribui significativamente para a formação de opinião pública equivocada sobre essa linha de crença.

Palavras-chave: Mídia; Religião; Ayahuasca; Sensacionalismo; Preconceito; Televisão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7
CAPÍTULO 1- A IMAGEM E A VERDADE 10
1.1 Religião e tv 11
CAPÍTULO 2- DO JUDAÍSMO AO PENTECOSTALISMO TELEVISIVO 14
CAPÍTULO 3- AS RELIGIÕES AYAHUASQUEIRAS 20
3.1 O Santo Daime 24
3.2 A Barquinha 26
3.3 A União do Vegetal 27
3.4 O Início do estigma 31
CAPÍTULO 4- MÍDIA, ÊXTASE E ESPETÁCULO 36
CONSIDERAÇÕES FINAIS 46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 48
REFERÊNCIA ELETRÔNICA 49
ANEXO - A história da oaska – baseada na contada pela União do Vegetal 50
ANEXO – Artigo Caso Glauco – cobertura com muitos equívocos 55

INTRODUÇÃO

A televisão, há muito tempo, é o meio de comunicação dominante na sociedade contemporânea. No entanto, em razão do aparecimento e crescimento do acesso à internet, pode-se dizer que ela hoje começa a dividir um pouco o seu espaço e lugar de destaque quando se fala em força de propagação, que pode ser uma notícia, uma peça de publicidade ou algum tipo de conhecimento.

Porém, a TV ainda possui um poder de difusão e persuasão muito forte, sendo capaz de se manter por bastante tempo como um dos principais meios formadores de opinião e de representação da realidade.

Devido a essa capacidade de tornar os acontecimentos e os fatos em espetáculo, ou seja, veicular o *show* da vida, frase utilizada como subtítulo, de forma pertinente por certo programa de uma emissora brasileira, a televisão é hoje o principal recurso usado pelas empresas de comunicação para direcionar pensamentos e construir consciências.

A mídia, manifestada através do discurso televisivo, objeto de estudo neste trabalho, pode ser considerada hoje como um reflexo e ao mesmo tempo co-autora da sociedade onde é produzida e veiculada, atendendo a determinados interesses de alguns poucos indivíduos que detém poder econômico e/ou político. As concessões de televisão são distribuídas obedecendo a esses dois critérios, dinheiro e poder, ficando para segundo plano a qualidade da programação e o incentivo ao livre pensamento.

Segundo Kellner (2001), a cultura da mídia atual serve como uma espécie de ringue para as lutas de determinados sujeitos dominantes, que têm o objetivo de incutir em terceiros suas ideologias e interesses diversos.

> A cultura da mídia é um terreno de disputa no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia (KELLNER, 2001, p. 10).

A popularidade da televisão e a sua facilidade de penetração em todas as camadas sociais são fatores que a formam como veículo de dominação midiática. Comunicação é poder, e quem possui uma emissora de televisão a serviço de seu objetivo, tem metade do caminho percorrido, mais do que se tivesse um jornal impresso ou um site.

O entendimento da relação mídia e poder pode ser mais bem compreendido por intermédio da relação que existe entre a mídia e aqueles que a vêem como degrau para alcançar alguma espécie de domínio sobre um grupo específico de pessoas, sejam elas fiéis ou eleitores. Fatores econômicos, políticos e ideológicos são os elementos principais e norteadores da programação que temos hoje inclusive na televisão aberta, direcionada para o favorecimento de pensamentos e conceitos que interessam a determinadas classes sociais.

Grande parte da programação é veiculada com o objetivo de obtenção de lucro e manutenção de uma classe dominante no poder. A maioria das notícias, programas de entretenimento e até mesmo a programação educativa são produzidas como mercadorias que precisam ser atraentes pra ser “vendidas”.

Essa relação funciona para qualquer assunto que seja abordado pelos meios de comunicação, e as religiões não recebem um tratamento diferenciado, principalmente as que não possuem raiz semítica, como é o caso das religiões de matriz africana ou de origem indígena, fazendo parte deste ultimo grupo as religiões da floresta, que comungam o chá sacramental ayahuasca.

Foi por não ter encontrado em pesquisas uma análise, mesmo que inicial sobre a relação da mídia com essas religiões que possuem um elemento cultural diferenciado como a bebida ayahuasca, que resolvemos abordar essa temática, que nos pareceu ser ainda embrião nos meios acadêmicos.

O posicionamento dos meios de comunicação em relação ao avanço rápido dessas religiões aos centros urbanos nas últimas décadas não pode passar despercebido, mas pesquisado, compreendido e registrado, pois nele estão presentes vários aspectos comuns no comportamento da sociedade contemporânea em relação ao diferente, mesmo que se trate de costumes derivados de tempos imemoriais na história dos povos primitivos.

Existe uma preocupação quanto à generalização dos aspectos negativos da televisão, que se torna por vezes regra geral nos estudos atuais. Mesmo com inúmeros casos de desserviço à comunicação, não se pode hoje dizer que todo o material produzido nos estúdios de televisão seja de valor social, cultural ou político duvidoso.

Há vários programas que buscam levar ao telespectador uma determinada reflexão, e mesmo que todo o contexto do programa e da conversa possa ser incluído numa análise do discurso aliada a uma crítica rigorosa, ainda assim não se pode negar que é válida a abordagem de tais temáticas educativas e informativas. Kellner (2001) nos fala um pouco sobre o negativismo exacerbado em relação à cultura da mídia, que podemos relacionar ao que é veiculado pela TV.

> A cultura veiculada pela mídia não pode ser simplesmente rejeitada como um instrumento banal da ideologia dominante, mas deve ser interpretada e contextualizada de modos diferentes dentro da matriz dos discursos e das forças sociais correntes que a constituem (KELLNER, 2001, p. 27).

A cultura da mídia é a dominante nos dias de hoje e a televisão é uma das grandes responsáveis por esse clã midiático que alimenta a indústria cultural, a espetacularização da vida e até mesmo a simulação de acontecimentos; contudo, a construção de consciências e a formação de opinião talvez sejam os aspectos mais negativos desse meio, pois isso inviabiliza qualquer reação por parte da massa, que recebe toda espécie de programação grotesca, fonte de preconceitos e alienação.

Esse tipo de manipulação fica evidente principalmente quando alguma emissora de televisão se coloca a favor de algum tipo de ideologia ou crença, ou quando resolve entrar em universos totalmente distintos daqueles que costuma abordar e sobre os quais não possui nenhum tipo de conhecimento a não ser conceitos superficiais. É o que acontece com algumas culturas e costumes, quando se tornam objetos de análise e alvo das lentes das câmeras de televisão.

CAPÍTULO 1 - A IMAGEM E A VERDADE

A imagem desde sempre esteve ligada à idéia de veracidade, isso desde que as fotografias começaram a ser utilizadas para ilustrar os jornais impressos, conferindo à notícia um ar de verdade incontestável. Existia a necessidade de se provar que o fato escrito podia ser situado dentro do tempo da vida, imortalizado numa imagem, e receber o rótulo de acontecimento. Sobre esse papel da fotografia enquanto comprovação da verdade das notícias, Dubois (2006), aborda de forma pertinente.

> Quando determinada fotografia oferece a nossos olhos interrogadores a visão de determinada personagem, por exemplo, um homem de uniforme ao lado de um cavalo arreado, só temos certeza de uma coisa: esse homem, esse cavalo, esse arreio existiram, estiveram efetivamente ali, um dia, naquela posição. Mas é tudo o que a foto nos diz. Nada sabemos sobre a significação (geral ou particular) que se deve atribuir a essa existência. Nesse sentido, podemos dizer que a foto não explica, não interpreta, não comenta. É muda e nua, plana e fosca. Boba, diriam alguns. Mostra, simplesmente, puramente, brutalmente, signos que são semanticamente vazios ou brancos. Permanece essencialmente enigmática (DUBOIS, 2006, p. 84).

Com a chegada do cinema, décadas depois, da televisão, e hoje em dia dos vídeos virtuais, ou seja, da dinamicidade, a máxima “uma imagem vale mais do que mil palavras” teve seu sentido potencializado e com o passar do tempo, foi tomando espaço dentro da comunicação, se tornando real, até que a linguagem pictórica hoje caminha lado a lado com a palavra escrita, ficando vulnerável ao sensacionalismo e ao abuso, expondo leitores e internautas a agressões visuais.

Se nos meios impressos o advento da imagem tomou caminhos tortos em relação à ética, na TV não seria diferente. A manipulação da realidade nos meios televisivos chegou ao século XXI de forma evidente e ao mesmo tempo encoberta, ao ponto de “cegar” os telespectadores e condicioná-los a acreditar em uma determinada situação mesmo que irreal.

A influência da televisão no receptor fica clara, principalmente, quando ela passa a ser vetor e canal de ligação entre uma ideologia, pensamento ou crença, mas por vezes, esses telespectadores são desprovidos de capacidade de filtragem e interpretação de mensagens. O objetivo aqui não é isentar os indivíduos que assistem TV de qualquer participação ou atuação dentro desse processo sócio-comunicacional, mas sim esclarecer que as emissoras de televisão enquanto detentoras de poder de persuasão e cooptação de pessoas para a adesão a algum comportamento ou determinada maneira de pensar, agem como servidoras de interesses maiores, quase sempre ligadas a agentes da classe dominante da sociedade.

1.1 Religião e TV

Desde a mais remota civilização até a contemporaneidade, o homem sempre esteve ligado ao estudo, especulação e pesquisa do desconhecido, ou à busca por uma compreensão daquilo que não conseguia explicar, como os fenômenos naturais. O mito originou-se da necessidade de explicação de acontecimentos, presentes no dia a dia, que interferiam de forma direta na vida dos povos, como a chuva.

As explicações dadas nos primórdios sobre os acontecimentos naturais geravam e impulsionavam todo um desenvolvimento social dentro das civilizações (da mesma forma como quando esses mitos foram superados), religando esses indivíduos ao desconhecido. Os mitos eram meios explicativos e racionais de compreensão do mundo, pontes entre o homem e o mistério por vezes insondável.

Foi a partir da mitologia que surgiram os primeiros cultos, que viriam a originar as primeiras religiões. Conforme Ribeiro (2001), o termo “religião” surgiu em Roma, foi difundido e recebeu sentido nas demais línguas e regiões, significando a atitude do que está atado, ligado a alguém. Religião, então, é a palavra que designa a religação do homem com o divino, ou forças superiores.

A história da humanidade está diretamente ligada às religiões, das pagãs ao Cristianismo. Fatores sociais determinantes podem ser explicados por

intermédio dos meios como os povos cultuavam o divino, explicavam a natureza e os fenômenos sociais como a vida e a morte.

As celebrações particulares das antigas civilizações, que serviram de estudo desde que se buscou entender como se davam os processos de crenças e a influência destas dentro de uma sociedade, foram os primeiros rituais sociais existentes no planeta, sejam com objetivos para iniciação em alguma nova etapa da vida ou de passagem (batismo, casamento, velório).

O significado de religião nos estudos histórico-culturais é bastante amplo, não se restringindo a aspectos específicos de manifestações de fé, doutrinas ou relatos do aparecimento de algumas crenças em especial. Como expõe Belloti (2004):

> Lidar com História das Religiões numa perspectiva cultural significa, em primeiro lugar, abrir mão de um conceito restrito de *religião*. Nas sociedades monoteístas, religião significa acreditar em Deus ou num sagrado, identificado por vários lugares e por vários símbolos: templos, igrejas, catedrais, sinagogas, mesquitas, cruzes, crucifixos, imagens e esculturas de santos, Bíblia, Corão e Torá, Virgens Marias, medalhas, fitinhas, festas e cerimônias. São religiões que, além de possuírem uma origem comum (religiões abrâamicas), possuem lugares de poder definidos – a Igreja Católica, as lideranças evangélicas, os mulás, aiatolás, imãs. Porém, para os historiadores das religiões, é necessário adotar um conceito de religião mais amplo, que possibilite o estudo de diferentes tradições e manifestações religiosas sem que se projete sobre elas os símbolos e discursos da tradição ocidental judaico-cristã. E nem que se enxergue uma 'essência' primordial que ligaria todas as 'religiões' de todos os tempos e lugares (BELLOTI, 2004, p. 3).

Essa compreensão da religião como algo universal e que abrange não só as religiões de origem semítica, que são representadas por símbolos poderosos como sedes, chefes e outros elementos de grande reconhecimento mundial, como também as que possuem origem em culturas diferentes e, portanto, têm referências diversas, nos ajuda a entender que, mesmo derivadas de raízes distintas, as crenças não-semíticas ou não necessariamente cristãs também são religiões, ou seja, formas de religação com o divino.

Televisão e religião são elementos comuns do cotidiano popular. Como um meio que se pretende democrático, a TV está presente em grande parte dos

lares, ao mesmo tempo em que a religião é um assunto discutido não só por quem pratica ou comunga de alguma linha religiosa de pensamento, como também por quem não possui nenhuma crença, mudando somente o foco da discussão.

Os primeiros costumam expor a legitimidade de sua crença, e os demais explicam, muitas das vezes através da ciência, outro tema bastante explorado pela televisão, porque não seguem nenhuma doutrina ou os motivos de não acreditarem num ser supremo, mantenedor de todas as coisas.

Compreendemos até agora que TV e religião possuem semelhante grau de importância na sociedade. São elementos cotidianos e presentes, que têm forte poder de Influência. No próximo capítulo apresentaremos uma explicação da origem das religiões que hoje são detentoras ou vozes válidas na televisão brasileira.

CAPÍTULO 2 - DO JUDAÍSMO AO PENTECOSTALISMO TELEVISIVO

O Judaísmo é a base das religiões monoteístas que dominam a comunicação no Brasil. Segundo Ribeiro (2001), começou com Abraão por volta de 1700 a.C na Palestina e passou por diversas fases políticas como monarquias e cativeiros até serem dispersos pelos romanos em 70 d.C. Após atravessarem o período medieval inteiro vivendo em guetos e de forma discreta até a idade moderna, a seqüela da 2ª guerra mundial foi mais uma barreira a ser vencida.

Somente depois desse período foi que em 1947 os sionistas (judeus que faziam parte do movimento político e religioso Sionismo, que defendia o restabelecimento de um estado israelita independente) realizaram um amplo movimento, conseguindo o reconhecimento do Estado de Israel, que havia sido criado entre os anos de 1000 e 587 a.C no período monarquista. Neste mesmo ano, iniciou-se a guerra com os palestinos, que até hoje não terminou.

O Cristianismo, logicamente, surgiu após o aparecimento de Jesus Cristo, e foi estabelecido a partir de ensinamentos aos seus discípulos, que continuaram os trabalhos de pregação e doutrina após sua morte. Inicialmente, foi considerado uma seita judaica, pois um dos pregadores dos ensinos de Jesus, Paulo de Tarso ou São Paulo, entrava nas sinagogas pregando as idéias de Cristo. Os cristãos foram excomungados pelos judeus no sínodo de Jâmnia por volta de 70 d.C.

Como o próprio Cristo, dentro do contexto geral da sociedade à época, o Cristianismo era tido como uma linha de crença revolucionária, e por isso, os cristãos foram perseguidos e brutalizados pelos romanos. Somente em 313, através do Edito de Milão, é que o imperador Constantino concede liberdade religiosa ao Cristianismo. Em 380, Teodósio I transforma a doutrina em religião oficial do Império Romano.

No Cristianismo surgiram diversas dissidências, entre elas a maior de todas, o Catolicismo. A Igreja Católica, que é derivada do Cristianismo primitivo, sempre esteve atrelada ao poder, inclusive no Brasil, quando chegou em 1500

com os jesuítas. Desde a Idade Média, foi reconhecida como umas das instituições com maior poder de decisão, concentração de riquezas e status.

Em 1054, a igreja de Constantinopla separou-se de Roma, dando origem à chamada Igreja Ortodoxa, que na ocasião era formada por russos e gregos. Praticamente, os ortodoxos seguem a mesma linha de crença dos católicos em relação à espiritualidade, no entanto, não reconhecem na figura do papa uma autoridade. A excomunhão aos ortodoxos feita pelo Papa Leão X só foi retratada séculos depois.

> As tentativas que se fizeram para se reunir a igreja de Roma com a de Constantinopla não obtiveram sucesso. Em 1965, através do Concílio do Vaticano II, Roma levantaria a excomunhão imposta aos orientais desde 1054, na presença do patriarca de Constantinopla Atenágoras. Este último realizaria o mesmo gesto para com a igreja de Roma (RIBEIRO, 2001, p. 17).

No entanto, os ortodoxos não foram responsáveis pelo maior cisma que aconteceu na igreja romana. No século XVI, acontece o movimento liderado por Martin Lutero, monge e professor alemão que, revoltado com os desmandos, crimes e autoridade exagerada da Igreja Medieval, pregou 95 teses às portas das igrejas do Castelo e da Universidade de Wittemberg, que contestavam a interpretação da Igreja Católica sobre as sagradas escrituras e sentidos reais das ações e palavras impostas por ela, como “penitência”, “dízimo” e “honestidade”.

Em suas 95 teses, Martin Lutero expunha o resultado de seus estudos profundos da bíblia, das leis da igreja e fazia um quadro comparativo, por vezes de forma irônica, com as ações atuais do episcopado católico medieval. Em razão da repercussão dessas teses, Lutero foi convocado a comparecer em Roma para prestar explicações, ao que ele não obedeceu.

Em 1519, Lutero negou a instituição divina do primado e a infalibilidade dos concílios ecumênicos, rejeitando desta forma qualquer vínculo ou necessidade de atestação dos sacerdotes em relação à vida e conduta religiosas de qualquer pessoa. Acreditava que só a Bíblia Sagrada poderia revelar a verdade.

O Papa Leão X ainda pediu que Lutero se retratasse por meio da bula “Exsurge Domine”, mas foi respondido com o discurso “Contra-Bula do Anticristo”

e com a queima da bula em praça pública. Em 1521, Martin Lutero foi excomungado, saiu do castelo de Wittemberg e traduziu a bíblia para o alemão, expandindo seu significado e entendimento, visto que só existia em latim e seu acesso era restrito aos sacerdotes.

As ideias de Lutero foram batizadas de protestantismo ou luteranismo e se difundiram pelo mundo por meio de vários outros movimentos dissidentes, como o Anglicanismo, o Calvinismo e o Pentecostalismo. O Calvinismo, assim como o Luteranismo, condenava o culto aos santos, mas discordava quando os luteranos pregavam a reformulação da igreja, já os calvinos discordavam destes por acreditá-la perdida.

O Anglicanismo surgiu de uma necessidade individual do rei Henrique VII em se divorciar, o que era condenado pela igreja católica; assim como o Luteranismo, pregava a livre interpretação da bíblia. Os batistas consideram parcialmente as reformas de Lutero, os presbiterianos, que representam o Calvinismo na Inglaterra, não possuem bispos e sim presbíteros, os mais velhos, que governam as comunidades. Há ainda os Congregacionistas, que acreditam em um chamado individual de Deus para que o homem se congregue; os Quakers, que não admitem nem igrejas e nem pastores e os metodistas, que se reúnem metodicamente para a realização do que chamam de exercícios de piedade.

Os segmentos protestantes Metodista e Batista deram origem nos Estados Unidos ao Pentecostalismo. A base da ação dos pentecostalistas está no resgate da epifania comum do Pentecostes, que aconteceu em Jerusalém, quando o espírito santo desceu sobre os apóstolos e estes passaram a falar em línguas, o que gerou grande entusiasmo.

Um dos grandes trunfos do Pentecostalismo enquanto linha de pensamento religioso está justamente em se fazer presente principalmente nos segmentos mais pobres da sociedade. No Brasil não seria diferente, e foi a partir dessa linha de pensamento pentecostalista que surgiram no Brasil as primeiras igrejas evangélicas no fim da primeira década do século XX, a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil.

Era apenas o início de uma expansão gigante dos evangélicos pelo país, até então predominantemente católico. Surgiram diversas interpretações para o pensamento e objetivo pentecostalistas e logo inúmeras igrejas foram sendo criadas, entre elas a Igreja Universal do Reino de Deus, que hoje detém na televisão aberta o segundo canal de maior audiência no Brasil, a Rede Record, perdendo apenas para a Rede Globo.

> O pentecostalismo, mais particularmente a Igreja Universal do Reino de Deus, introduziu no campo religioso uma novidade. Trouxe para ele toda uma linguagem do marketing e da televisão que, até então, somente era utilizada de uma forma muito reduzida e não sistemática. Devido a isso, a análise da presença do Pentecostalismo e, mais particularmente, da Igreja Universal do Reino de Deus na televisão, deve necessariamente se combinar com uma análise do marketing na religião. (RIBEIRO, 2001, p. 108).

As Igrejas Católica e Evangélica são as duas grandes religiões com maior campo de atuação nos meios de comunicação da atualidade, possuindo rádios e canais de televisão, além da alternativa de sites e blogs para debate, discussão e cooptação de fieis para suas doutrinas.

A Igreja Católica, além de emissoras especiais como Canção Nova, Rede Vida e TV Aparecida, para citar algumas, ainda tem a tradicional Santa Missa exibida por canais que não possuem a religião como eixo de sua programação, o caso da TV Globo, tamanho é o poder de alcance do Catolicismo no Brasil. Ambos os exemplos, mostram que os membros líderes dessas religiões reconhecem na mídia e nos meios de comunicação importantes aliados na propagação rápida de uma linha de pensamento e na conquista de adeptos, seja a Santa Missa mais um espaço pago dentro da programação ou não.

A presença nos meios de comunicação dessas duas religiões influencia diretamente na recepção social. As suas linhas de crença, apesar das variações, têm a bíblia como livro sagrado, são monoteístas e acreditam na figura de Jesus como um messias, o que é um eixo comum entre elas e que as aproxima em essência.

O fato das religiões derivadas dos povos semitas estarem atualmente no monopólio da comunicação religiosa no Brasil não as imuniza de também sofrerem preconceito da própria mídia da qual fazem parte. Isso quer dizer que mesmo detentoras de poder, o ato de lucrar e vender uma noticia se sobrepõe a qualquer ética. Católicos e evangélicos também sofrem com informações desencontradas sobre suas religiões, embora em menor proporção.

Mas há ainda as outras religiões e linhas de crença, que não têm sua base no judaísmo de Abraão. Uma grande e marcante característica do Brasil é o seu sincretismo religioso. Mesmo tendo sido colonizado por portugueses, contemplado uma primeira missa e seus índios catequizados por jesuítas, possui uma diversidade notável de crenças, religiões e outras formas de manifestações de fé.

O Candomblé, a Umbanda e sua relação dos santos católicos com os orixás; o espiritismo e os centros kardecistas; as religiões mulçumanas; o budismo e as inúmeras filosofias orientais e as religiões com raízes indígenas e caboclas como as religiões da floresta, são a prova da complexidade desta teia da fé. Essas crenças são, por vezes, ignoradas, mal interpretadas e seus membros sofrem preconceitos de diversas naturezas.

Na mídia não seria diferente, principalmente em razão da monopolização já citada por católicos e evangélicos. Através dos jornalistas, fatos são divulgados e notícias são levadas à sociedade. Porém, diante das constantes transformações sociais e da atual forma de se fazer jornalismo, fica o questionamento se esse modelo pode dar conta da cobertura dessas práticas sociais, entre elas, as manifestações religiosas.

Apesar de não ser o foco de nosso trabalho, podemos citar como uma dificuldade da própria formação jornalística a ausência de técnicas etnográficas e antropológicas de aproximação de núcleos culturais. Mesmo que seja ofertada Antropologia e Sociologia na grade do curso de comunicação, as mesmas são feitas no primeiro ano de curso e sem grandes atrativas para o aluno recém-chegado. O que temos, em geral, é uma preocupação com a formação técnica e pouco reflexiva sobre a sociedade em que estamos inseridos.

As disciplinas de antropologia, que são lecionadas nas faculdades, possuem somente o intuito de iniciar os estudos e compreensões dos alunos de jornalismo nessa área do conhecimento, cabendo a cada um se aprofundar individualmente. Não é uma exclusividade da antropologia e isso se repete em outros saberes. Talvez essa seja uma incapacidade natural do jornalismo, que exige distintas habilidades dos profissionais todos os dias nas redações e universidades, sendo que estes nem sempre conseguem absorver tais capacidades perfeitamente.

O ensino de jornalismo possui uma capacidade limitada em expandir a compreensão dos futuros jornalistas comunicólogos em relação a formas específicas de abordagem ou como se portar diante de situações que exijam um pouco mais de perspicácia desses profissionais, principalmente quando em contato com grupos culturais sensíveis a interferências de elementos externos, “corpos estranhos” dentro dos seus cotidianos.

Entre os temas diversos que são tratados pela mídia televisiva, surgem várias oportunidades de abordar uma religião ou culto, fazendo com que, em algumas ocasiões, o foco e o respeito ao ritual sejam desviados e o sensacionalismo tome conta da situação. Isso por vezes acontece de forma consciente, o que gera mais preconceito e discriminação da sociedade em relação às crenças as quais ela considera exóticas, como o Candomblé, o Xamanismo ou as filosofias orientais.

Para debater essa problemática, escolhemos uma linha religiosa que nas últimas décadas tem saído da floresta e das áreas mais distantes para os centros urbanos.

As religiões ayahuasqueiras, que comungam o chá ayahuasca, surgiram no Brasil na primeira metade do século XX e vêm conseguindo, através dos anos, cada vez mais seguidores. Tema abordado com certa frequência por uma mídia cujo principal objetivo é audiência, ela oferece material diferenciado e atual para estudo dessa tendência de marginalização midiática do que é diferente.

CAPÍTULO 3 - AS RELIGIÕES AYAHUASQUEIRAS

Ayahuasca é uma palavra de origem quéchua (importante língua indígena da América do Sul, ainda hoje falada) e quer dizer “liana dos espíritos”, “vinho das almas”, “vinho dos mortos” ou “cipó das almas”. É o nome dado ao chá psicoativo feito a partir do cipó Jagube ou Mariri (Banisteriopsis caapi) e da folha Chacrona (Psychotria viridis).

> O cipó possui os derivados beta-carbolínicos da harmina, tetrahidroarmina e harmalina como alcalóides principais. A folha da outra planta que incrementa a mistura, a chacrona, possui a N,N-dimetiltriptamina, conhecida por ‘*DMT, a molécula espiritual*’ (LIRA, 2009, p. 17).

Tal chá é obtido a partir do cozimento desses vegetais, realizado pelos que participam das diversas linhas ritualísticas que o utilizam. Segundo os adeptos das três principais linhas ayahuasqueiras, o objetivo é entrar em contato com a natureza divina do universo, buscar entender fenômenos naturais da vida, como a morte, procurar interiormente sua essência divina, compreendendo-se e buscando viver em harmonia com a natureza e os outros seres humanos.

As substâncias do chá ayahuasca, quando ingeridas, produzem efeitos interpretados como voos e jornadas xamânicas, chamados pelos adeptos de seu uso como “voos à superconsciência”. Tais efeitos só são possíveis mediante a união das duas plantas distintas. Folhas e cipós foram escolhidos, macerados, cozidos e fervidos durante gerações pelos xamãs experimentais, pesquisadores e conhecedores da natureza.

Segundo Lira (2009), os xamãs andinos, usuários pioneiros deste enteógeno, acreditam que a bebida os conecta diretamente à mãe natureza, *patcha mama* ou ‘natureza divina’. Além disso, os efeitos visionários do chá são comparados aos estados de falecimento. A ingestão da beberagem é considerada fundamental na preparação do indivíduo para a morte e está diretamente ligada ao destino pós-morte.

O uso de substâncias psicoativas para se conseguir efeitos de transe em rituais religiosos não é algo raro na história da humanidade. Desde tempos remotos que o homem entra em contato com materiais diversos que o auxiliam a estabelecer alguma ligação com o divino.

A América é o continente onde se concentrou e ainda existe o maior número de plantas utilizadas para fins religiosos, principalmente na Mesoamérica e parte da América Latina. Tais plantas são consideradas “plantas professoras”. Segundo Varella (2005), as regiões andinas e amazônicas fazem parte do grupo que ainda possui rituais xamânicos e contato com substâncias vegetais psicoativas.

> A Mesoamérica pode ser considerada como a região com maior número de alucinógenos descobertos e utilizados por populações nativas das Américas, e até mesmo em comparação com qualquer outro continente do mundo. Ainda assim, as áreas andina e amazônica não ficam muito atrás como os grandes vultos do ‘complexo narcótico’ do Novo Mundo. Curiosamente, duas dessas macrorregiões americanas foram o berço das civilizações mais complexas do ‘continente escondido’ e há muito tempo tinham a agricultura sedentária como fundamento econômico, contudo, as bases xamânicas (de caçadores-coletores) em seu universo religioso eram bem marcantes, e a experiência visionária tinha um grande alento social (VARELLA, 2005, p. 23-24).

A partir do texto de Varella (2005) podemos iniciar duas discussões interessantes e fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, no sentido de esclarecer alguns termos e ideias. Primeiro em relação ao termo “alucinógeno”, utilizado por ele para designar as substâncias psicoativas como um todo, colocando-as em um grupo uno.

Para a designação do chá utilizado pelas religiões da floresta, há muito que se aboliu esse termo, por ser considerado dúbio, pejorativo e não adequado, pois para a realidade das pessoas que o utilizavam anteriormente e com exclusividade, os americanos primitivos, e os que a eles se juntaram e o utilizam hoje nas áreas urbanas, não se trata de comungar uma substância com o objetivo de ter alucinações, ilusões ou buscar um calmante ou estimulante, e sim a compreensão de uma realidade maior, estabelecendo o contato com uma energia

superior, que para essas pessoas é o princípio universal de manutenção e revelação da vida.

A nomenclatura que mais se aproximou de uma compreensão do que a ayahuasca representa para aqueles que a utilizam em ritos religiosos, talvez tenha sido a proposta por vários estudiosos, que criaram o termo “enteógeno”, derivado de uma antiga palavra grega que significa “tornar-se divino interiormente”. Segundo Varella (2005), este foi o termo que usaram para descrever estados de inspiração poética ou profética e para descrever um estado enteogênico induzido por plantas sagradas.

Segundo Lira (2009), enteógenos são quaisquer elementos da natureza que possuam poderes visionários. Quando ministrados, normalmente em ritos específicos, são capazes de promover estados de realidade incomuns, que normalmente são interpretados como manifestações divinas oriundas do contato com o sagrado. Mediante rituais, tais elementos naturais agem como mediadores entre o mundo da experiência imediata e as infinitas dimensões espirituais que permeiam a existência humana.

Por considerar o termo “alucinógeno” uma palavra de pluralidade significativa bastante ampla, o que pode direcionar o estudo para compreensões que fogem ao nosso objetivo, preferimos utilizar o termo enteógeno para classificar a bebida em questão. Até porque o trabalho pretende analisar a forma que a mídia, em especial a televisiva, vem tratando dos rituais com ayahuasca, e “alucinógeno” é justamente o termo utilizado por esse meio para realizar as abordagens confusas que veicula.

O outro ponto a se discutir na citação anterior seria do papel social que o xamanismo e o curandeirismo representavam na vida das sociedades. A questão da cura estava ligada diretamente aos rituais religiosos que, por sua vez, faziam parte de um costume necessário para as populações; antes, enquanto um recurso primitivo e natural para um entendimento maior do momento e das transformações pelas quais passava a humanidade. E mais recentemente, para ser mais exato, no fim do século XIX e início do século XX, nos seringais, em razão da falta de qualidade de vida presente em algumas aldeias e povoados.

Na ausência de médicos e de básicas condições de vida, as pessoas acabavam tendo por alternativa a busca por curandeiros, místicos e rezadores para a resolução de seus males. Acreditava-se que a cura era enviada pelos seres superiores, que se comunicavam com os sacerdotes através do transe provocado pelas beberagens, cânticos e outros rituais. Foi a partir dessa carência de auxílio na sobrevivência que o chá ayahuasca, conhecido também como Vegetal, Santo Daime, Yagé, Oaska, chegou a brasileiros não pertencentes a tribos indígenas.

> A apresentação da ayahuasca aos seringueiros deu-se nesse contexto de proximidade e contato com as populações indígenas (FRANCO; SILVA, 2002, p. 208). Devido à falta de assistência social que permeava a época em questão, na qual um regime de semi-escravidão era predominante, surgiram alguns líderes espirituais, na maioria das vezes seringueiros curadores, que entraram em contato com o chá e a partir daí, passaram a conduzir sessões de cura e transe com o enteógeno, uma espécie de aliado usado para ampliar as percepções naturais, em prol de uma melhoria de vida e 'alívio social' (LIRA, 2009, p. 17).

Os índios da região próxima ao Acre já utilizavam o ayahuasca em seus rituais de cura. Com o crescimento da exploração da borracha, no fim do século XIX, a mão de obra escasseou e devido à ferocidade e indisciplina dos indígenas, que não se deixavam explorar, foi organizado o "Exército da Borracha".

Através dessa relação com os indígenas e com a medicina da floresta, os seringueiros e suas famílias começam a se familiarizar com o novo estilo de vida a que foram expostos, desde que saíram de outras regiões do Brasil para se juntar ao Exército da Borracha, principalmente dos estados do Nordeste, devido a seca que castigava e ainda castiga a região.

O primeiro contato dessas pessoas com o enteógeno ayahuasca ocasionou o início do caminho para a difusão dessa linha xamânica pelo Brasil. Nas últimas décadas do século XIX, aconteceu o aumento significativo na demanda internacional da borracha, o que ocasionou na abertura da maior parte dos seringais no Vale do Juruá, Acre.

O ciclo gomífero de exploração veio ter declínio considerável entre as décadas de 1930 e 1940, e vários núcleos seringueiros da Amazônia foram

desativados. As populações que habitavam esses seringais migraram para os centros urbanos ainda pouco desenvolvidos, o que ocasionou um caos social. Exatamente durante esse período surgiu o líder e patriarca de uma das linhas ayahuasqueiras mais influentes do Brasil, o maranhense Raimundo Irineu Serra.

3.1 O Santo Daime

No declínio da exploração seringueira na Amazônia, entre as décadas de 1930 e 1940, surgiu no Acre um negro alto, forte e maranhense chamado Raimundo Irineu Serra, nascido na cidade de São Vicente Ferrer, no ano de 1892. Irineu, como era conhecido, trabalhou como seringueiro no Exército da Borracha e guarda territorial; conheceu a bebida através de uma tribo, na selva fronteiriça entre o Brasil e o Peru.

Segundo MacRae (1992), durante algum tempo Irineu teve como companheiros os irmãos Antonio e Andre Costa, também negros e conterrâneos seus de São Vicente de Ferrer. Com eles, conheceu o uso da ayahuasca na região de Cobija, na Bolívia. Relatos colhidos por Monteiro da Silva e pelo antropólogo Fernando de la Roque Couto indicam que um certo ayahuasqueiro peruano, conhecido como Dom Crescêncio Pizango, cujos conhecimentos eram atribuídos a um rei inca de nome Huascar, foi quem inicialmente convidou Antonio Costa a tomar a bebida. Este, por sua vez, apresentou a Raimundo Irineu Serra

Em suas visões, denominadas dentro das religiões ayahuasqueiras de “mirações”, Irineu sempre via uma senhora sob a lua cheia, que ele mesmo identificou como Nossa Senhora da Conceição ou a “Rainha da Floresta”. Nesses encontros, Ela lhe confiou a responsabilidade de implantar na terra uma nova doutrina; para isso, foi lhe dada a permissão de receber instruções diretas do astral, sob a forma de hinos. O nome da bebida no astral, o mundo espiritual, também foi recebido por Irineu durante esse processo de aprendizado e a ayahuasca passava então a se chamar Santo Daime, um rogativo derivado dos pedidos de dai-me força, dai-me luz e dai-me amor.

Após um processo intenso de ensinos e trabalhos solitários na floresta, onde aprendeu a fazer a beberagem, Raimundo Irineu Serra fundou no Acre a primeira religião brasileira da ayahuasca, intitulada Centro de Iluminação Cristã Luz Universal – Alto Santo, que existe até os dias de hoje, e ficou conhecido como Mestre Irineu.

> Entre seus seguidores, Mestre Irineu desempenhava o papel do patriarca benevolente e, no dia a dia de sua comunidade, servia ora como advogado, ora como juiz, e até como delegado nas disputas que surgiam. Considerava a si próprio uma 'árvore sombreira'; seu temperamento alegre e hospitaleiro atraía visitas de todos os lados e, em certas épocas, sua casa reunia diariamente de 25 a 30 visitantes. A todos acolhia de maneira afável e não discriminatória. Mesmo discordando de alguém, era cuidadoso na forma de expressar sua divergência, adotando um tom amigável e paternal. Dessa forma, conseguiu manter um espírito de cooperação e fraternidade entre seus seguidores durante os últimos anos de sua vida (MACRAE, 1992, p. 61-62).

A doutrina do Santo Daime é considerada uma doutrina cristã, mas possui influências espíritas muito fortes, ligadas à linha kardecista. Trata-se na verdade de uma mistura, com elementos preservados da religião indígena, das religiões de matriz africana, elementos da igreja católica e a ideia de um mundo paralelo, da existência da continuidade do espírito consciente após a morte e da necessidade da integração desse espírito à luz depois do desencarne.

A farda utilizada pelos adeptos do Santo Daime lembra bastante uma vestimenta militar. Os homens usam terno e calça brancos, uma gravata preta e no peito um broche de estrela, com uma meia-lua e uma águia, e as mulheres uma coroa de pérolas, representando a rainha da floresta, uma roupa que constitui saia e blusa brancas, com detalhes verdes e também o broche.

O que diferencia o Santo Daime das outras principais linhas ayahuasqueiras é justamente ter uma musicalidade bastante forte. As pessoas executam e bailam hinos que, acredita-se, foram recebidos diretamente do astral, o mundo espiritual, por pessoas escolhidas, como Mestre Irineu e outros adeptos, também chamados de "padrinhos" e "madrinhas".

Durante o processo de execução dos hinários faz-se também uma dança circular, chamada de bailado, em que homens e mulheres movimentam-se firmes

e contidos para lados contrários. Existem três ritmos: marcha, valsa e mazurca. São utilizados maracás, tambores e violões e no centro do bailado fica uma mesa, onde contém símbolos importantes da religião como o santo cruzeiro e imagens da Virgem da Conceição.

> O hinário do Mestre Irineu tem 132 hinos, mas há outros bem maiores. Portanto, a execução dos mesmos costuma ser bastante longa, podendo durar entre dez a quinze horas. Nestas ocasiões, os participantes tomam o Daime várias vezes. Em geral, realiza-se um intervalo no meio dos hinários, que dura cerca de uma hora. Via de regra, é na segunda parte do 'trabalho' que os outros instrumentos musicais passam a ser tocados. (GOULART, 2004, p.47)

Mestre Irineu morreu em 6 de julho de 1971. Após sua morte, aconteceu um fenômeno de cisão, comum nas religiões ayahuasqueiras. O Alto Santo fundado por ele foi dividido em dois grupos, o Alto Santo e o Centro da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (CEFLURIS), liderado por um dos seus antigos discípulos, Sebastião Mota de Melo, o Padrinho Sebastião, sobre o qual falaremos mais adiante, não só por ter sido no CEFLURIS o início do contato das autoridades judiciais com os grupos oaskeiros, mas também por ser o centro mais procurado pela mídia, muito receptivo aos meios de comunicação, em especial à televisão.

3.2 A Barquinha

A primeira dissidência significativa na doutrina de Mestre Irineu aconteceu quando este ainda vivia. Em 1945, um dos seguidores do Alto Santo, o ex-marinheiro Daniel Pereira de Matos, decidiu se afastar do Santo Daime alegando ter recebido do astral superior uma missão.

> Ele afirmou ter recebido das mãos de dois seres celestiais um livro azul, contendo todos os salmos ou hinos, que constituem os ensinos e preceitos de uma doutrina que seguiria '*navegando nas ondas do Daime*'. Nessa ocasião foi fundada uma igreja que futuramente viria a se chamar *Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz*, uma nova religião ayahuasqueira; 'a Barquinha', também em Rio Branco, no Acre (LIRA, 2009, p. 23).

A Barquinha tem uma ligação profunda com as religiões de matriz africana, afro-brasileiras, tendo em seus hinos referências a orixás e outras figuras da religião. É o seu diferencial em relação às outras linhas ayahuasqueiras. Nos rituais, são permitidas incorporações, reforçando uma ligação não só com o candomblé, mas também com o espiritismo kardecista; mesmo com tantas influências, ainda possui elementos do cristianismo.

A antiga profissão de marinheiro de Mestre Daniel foi influência direta na escolha do nome da religião, a Barquinha que segue “navegando nas ondas do Daime”, assim como de sua construção simbólica. Durante o ritual, é visível a alusão ao universo marítimo tanto na farda como no salão do ritual. Os salmos e hinos do Mestre Daniel são os principais pilares doutrinários da Barquinha, e seu objetivo é auxiliar o desenvolvimento e capacidade mediúnica dos adeptos, estimulando a incorporação.

Cada adepto seria uma barquinha navegando no mar da Oaska, e a meta dessa barca é chegar à luz, a Jesus Cristo. Cada irmão encarnado que possua o dom da incorporação dos chamados “encantados”, seres que se aproximam para ajudar os que sofrem e, ao mesmo tempo, também se ajudarem, galgando a escala da evolução espiritual, tem o dever de usar esse dom para auxiliar principalmente os espíritos que se encontram nas trevas, levando-os, segundo os adeptos, à luz do espírito santo.

Assim como o Santo Daime, a Barquinha é considerada uma das três principais linhas ayahuasqueiras brasileiras. Vamos agora conhecer um pouco da terceira, a União do Vegetal, mais popularmente conhecida como UDV. A União do Vegetal não possui ligação direta em sua formação com o Santo Daime, apesar de serem contemporâneas.

3.3 A União do Vegetal (UDV)

A União do Vegetal forma junto com o Santo Daime e a Barquinha a tríade principal das religiões ayahuasqueiras brasileiras. Apesar de ter sido criada (ou recriada, como afirmam os adeptos) contemporaneamente ao Santo Daime, não possui nenhum vínculo com a doutrina do Mestre Irineu.

O principal mestre da doutrina udevista é José Gabriel da Costa, nascido em 10 de fevereiro de 1922, baiano de Coração de Maria, próximo à Feira de Santana, que foi aos seringais do Acre trabalhar, assim como Mestre Irineu, no Exército da Borracha. Desde muito jovem, ainda na Bahia, Mestre Gabriel frequentava terreiros de candomblé e centros espíritas kardecistas, possuindo inquieto interesse pela espiritualidade; quando criança foi criado em meio ao forte catolicismo popular de sua cidade. Tais influências marcariam mais tarde o direcionamento de sua doutrina.

> Segundo seu irmão Antônio, atualmente também mestre na UDV, José Gabriel 'conheceu todas as religiões, conheceu os terreiros de Salvador, andou por todas as religiões procurando a realidade'. Segundo outro mestre, José iniciou na 'ciência espírita' com apenas 14 anos. Provavelmente, esta informação refere-se à participação de José em terreiros de candomblé, e não em centros kardecistas, com os quais, entretanto, ele também entrou em contato, só que posteriormente, ainda quando morava em Salvador (BRISSAC, 1999, p.2).

Gabriel também jogava capoeira, e foi fugindo de uma confusão que embarcou no Navio Pará, que ia rumo ao Norte, e se alistou às pressas no Exército da Borracha junto com seu companheiro de capoeira, de nome Mário. Os dois são inseridos no grupo de trabalhadores seringueiros, até que Mário morre de Leishmaniose, vítima das condições precárias da região.

Em 1943, o ciclo de exploração da borracha voltava a crescer devido à Segunda Guerra Mundial, em razão da necessidade de borracha para os exércitos aliados. O governo brasileiro então reiniciou a campanha de recrutamento nacional para os seringais. O estilo de vida e trabalho na floresta, totalmente distinto de Salvador, onde residia ultimamente antes de ir ao Acre, fez com que Gabriel e os outros seringueiros sofressem muito.

Em 1946, muda-se para Porto Velho, conhece Raimunda Ferreira, a Pequenina, com quem se casa, e vai trabalhar no serviço público, como enfermeiro de um hospital. Nesse período, recebia a entidade Sultão das Matas, por meio de quem realizava curas e jogava búzios em casa. Frequentou também o terreiro de uma mãe de santo da região conhecida por Chica Macaxeira, onde se tornou ogã, denominação dos tocadores de atabaques nos terreiros.

Além do trabalho no hospital, Gabriel tinha uma taberna de bebidas. Gostava de política e por apoiar um candidato, que perdeu a eleição, foi perseguido em seu emprego no hospital. Decidiu então voltar para o seringal. Em seu retorno à floresta, Gabriel e sua mulher ficaram sabendo de um chá misterioso, utilizado pelos índios e caboclos da região.

Mais tarde, quando já estão em outro seringal, Pequenina fica sabendo mais a respeito do chá. Ouviam-se muitas coisas, inclusive que algumas pessoas tinham conseguido conversar com espíritos por intermédio da beberagem. Ela fala a José Gabriel e ele vai pedir o chá ayahuasca a quem o distribuía no lugar. Porém, o homem negou dizendo que “não dava o Vegetal *praquele* baiano que sabe aonde as andorinhas dormem”.

O Vegetal foi apresentado a Gabriel através do seringueiro Chico Lourenço, no dia 1° de abril de 1959. Isso acontece u no seringal Guarapari, na colocação denominada Capinzal, na região da fronteira boliviana. Esses seringueiros, incluindo Chico Lourenço que também fazia parte, utilizavam a ayahuasca em sessões coletivas, com a curiosidade de sentir os efeitos físicos e psíquicos do chá, sem um ritual religioso específico. Eram pessoas com tradição indígena-mestiça forte, e ficaram conhecidas dentro da União do Vegetal como Mestres da Curiosidade. Gabriel comungou o chá apenas três vezes com o grupo.

Logo em seguida, viajou por um mês para levar um filho seu que estava doente à Vila Plácido, no Acre. Quando retornou, trouxe um balde cheio de cipó, folhas de chacrona e preparou o chá em casa, servindo para si e sua família. A partir desse dia, Gabriel foi mesclando os rituais de umbanda com o Vegetal, até que em 1961 decide romper com a religião de matriz africana, falando para as pessoas que participavam de seus rituais ser ele mesmo o Sultão das Matas, podendo fazer através da força do Vegetal tudo que era atribuído à entidade. Muda-se com a família para o seringal Sunta, e no dia 22 de julho de 1961 dá início à União do Vegetal, se tornando o Mestre Gabriel.

Segundo ele mesmo explica em gravações (tendo recordado sob efeito da força do chá), a União do Vegetal já teria existido em tempos imemoriais na história do planeta, antes mesmo do dilúvio universal, e foi relembrada e recriada nesse tempo presente, com a permissão divina. Ele mesmo teria, em outras encarnações, participado ativamente do processo de surgimento da União. Deu à

instituição o nome de Centro Espírita Beneficente União do Vegetal; o próprio nome já indica que existem tantos elementos do espiritismo quanto cristãos na linha seguida pela UDV, principalmente no fato do Mestre Gabriel se dizer encarnação de mestres pioneiros do passado em preparação e conhecimento sobre os encantos e mistérios do chá.

Foi a partir do surgimento da UDV que também apareceram expressões que designam elementos, que mesmo surgidos na União do Vegetal, são utilizados hoje também por outras linhas ayahuasqueiras, inclusive as dissidências. Esses termos foram adquiridos na convivência com os caboclos da floresta e com as pessoas da região. O termo *burracheira,* por exemplo, vem do termo “borracho”, que significa embriagado em espanhol e era utilizado pelos habitantes das fronteiras com a Bolívia e o Peru.

Se quem se embriagava com o vinho profano era “borracho”, para Mestre Gabriel, quem entrava em transe por meio da ayahuasca, ou o vinho das almas, sagrado, ficava “burracho”, um abrasileiramento consciente da expressão espanhola, ou seja, ficava de *burracheira*. Na UDV, a palavra deixou de ser uma variação e passou a ter sentido próprio, *burracheira* significa força estranha.

No dia 6 de Janeiro de 1962, Mestre Gabriel se reuniu com 12 Mestres da curiosidade. Realizaram uma sessão, e nela todos reconheceram o baiano como mestre superior. Outra data especial para a União do Vegetal é o dia 1º de novembro de 1964, pois é considerado o dia da confirmação da UDV no astral superior. No ano seguinte, a União do Vegetal é transferida para Porto Velho, onde é consolidada a sede da nascente instituição. Seis anos depois, Mestre Gabriel falece em 24 de setembro de 1971.

Após a morte de Mestre Gabriel, a União do Vegetal cresceu cada vez mais, sofreu suas dissidências, mas possui hoje núcleos por todo o Brasil, sendo a religião ayahuasqueira com o maior número de adeptos no país. Diferencia-se dos ritos do Santo Daime por não possuir hinário e nem bailado, sendo seu trabalho feito somente com concentrações (meditações), chamadas (cânticos xamânicos), perguntas e esclarecimentos. Possui um quadro bem definido e organizado, tendo hierarquias como conselheiros e mestres. A farda é muito simples, sendo camisa verde, com letras UDV bordadas no peito e calça branca para homens e cor-de-laranja para mulheres, estas últimas podendo substituir a

calça por saias longas abaixo do joelho. A farda do mestre é diferenciada, composta de uma camisa azul com uma estrela amarela no peito e calça branca.

As chamadas são cânticos feitos durante as sessões pelo mestre ou algum irmão do quadro de sócios. Cada chamada é entoada com o objetivo de facilitar a penetração das pessoas que estão de burracheira nos encantos do Vegetal e, acredita-se, que elas tenham sido enviadas diretamente pelos seres de luz do astral, algumas recebidas pelo próprio Mestre Gabriel, como a Chamada da União, fixa das sessões, uma das principais da doutrina. Além das chamadas, também se ouve ensinamentos e músicas da MPB, com mensagens religiosas ou altruístas. O lema da UDV é luz, paz e amor.

Das linhas ayahuasqueiras, a União do Vegetal talvez tenha sido a mais arredia à imprensa, principalmente pelos problemas enfrentados durante os anos de 1980 por essas religiões. A maioria das filmagens ou foram produzidas pelos próprios membros para fins de documentação interna, ou autorizadas há pouco tempo. Mesmo assim foram realizadas superficialmente, sem terem sido gravadas partes essenciais das sessões como a abertura do oratório e outros momentos, que ficam restritos somente a quem comparece de corpo presente a alguma sessão.

3.4 O Início do estigma

Após a morte de Mestre Irineu, um de seus discípulos, Sebastião Mota de Melo, decidiu sair do Alto Santo com sua família em 1974. Padrinho Sebastião, como ficou conhecido, criou o Centro da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (CEFLURIS), que mesmo afastado do Alto Santo era fiel à doutrina de Mestre Irineu. O Centro foi estabelecido na Colônia Cinco Mil, situada nos arredores de Rio Branco, no Acre.

Com o tempo, muita gente ficou sabendo dos rituais que aconteciam no CEFLURIS e começaram a buscar o chá misterioso. Alguns decidiram estabelecer residência fixa no local, vivendo e trabalhando na floresta; doaram

terrenos próximos à colônia e logo o CEFLURIS era uma grande comunidade, onde tudo era compartilhado.

Com a revolução sexual que acontecia em todo o mundo, o auge da repressão da ditadura militar no Brasil, o maio de 1968 na França e o Festival de Woodstock, diversos hippies e jovens de classe média levavam uma vida de aventura, orientados por música, sexo e drogas. Logo esses jovens souberam do Santo Daime e de seus efeitos, e quiseram passar pela experiência.

> Oriundos das classes médias bem desenvolvidas economicamente, muitos desses jovens, impulsionados pelas mobilizações contraculturais dos anos sessenta e setenta, chegaram à Cinco Mil e se identificaram com a doutrina do padrinho Sebastião. O perfil desses visitantes distinguia-se muito dos padrões locais. Certamente suas presenças causaram estranhamento e desconfiança perante o 'povo da floresta'. Porém, uma característica própria do padrinho, que o distinguia dos outros dirigentes ayahuasqueiros locais, parecia ser a receptividade. Para ele, o Santo Daime não poderia ser negado a quem quer que o procurasse ou dele precisasse (LIRA, 2009, p. 29-30).

Apesar do estranhamento e da resistência da população local em relação aos hippies que passaram a frequentar o CEFLURIS, a convivência prosseguia pacífica, até quando um dos jovens que passou a morar na colônia Cinco Mil, chamado Lucio Mortimer (hoje fardado e estudioso do Santo Daime), resolveu cultivar outra planta nas dependências do lugar. Durante uma crise de consciência, ele contou ao dirigente do centro que ele e seus amigos não só utilizavam como também cultivavam mudas da erva *Cannabis sativa* nas imediações da colônia Cinco Mil.

Lúcio, no entanto, não foi repreendido, pois Sebastião afirmou que antes da chegada deles ao centro ayahuasqueiro havia tido um sonho, onde uma nova planta lhe era apresentada e ao ver as mudas de *Cannabis*, ele a relacionou à planta que viu no seu sonho. Lúcio então lhe apresentou o cânhamo, dando início a um ciclo de estudos e uso da maconha dentro das dependências do CEFLURIS e na atmosfera ritual da casa. A erva recebeu a denominação de "Santa Maria", a energia feminina do universo, fazendo um contraponto com o Vegetal, a energia masculina, o pai celestial.

Os frequentadores do CEFLURIS tentaram manter a utilização da maconha dentro dos rituais, vendo como desrespeitoso seu uso profano, fora de tais objetivos religiosos. Porém, perdeu-se o controle da situação e logo as autoridades foram acionadas. Em outubro de 1981, a polícia fez uma incursão na colônia Cinco Mil, incinerou os “Jardins de Santa Maria”, como eram chamadas as plantações de *Cannabis,* e indiciou criminalmente os principais líderes, inclusive o Padrinho Sebastião.

Esse acontecimento foi suficiente para que começasse a perseguição ferrenha não só ao Santo Daime, mas a todos os outros centros ayahuasqueiros, fazendo com que o chá ficasse com o estigma de droga. Todo assunto relacionado a ele passou a ser discutido a partir de um preconceito, justificado por esse acontecimento no CEFLURIS, que decidiu e se comprometeu a interromper os rituais com a *Cannabis*.

Em 1983, a colônia Cinco Mil ficou pequena para a quantidade de adeptos que decidiram lá se estabelecer e então o CEFLURIS foi transferido para o município de Pauini, Amazonas, às margens do igarapé Mapiá, ficando conhecido como Céu do Mapiá, que existe até os dias de hoje. Foi nesse período, na primeira metade dos anos de 1980, que surgiu o interesse da mídia pelo assunto ayahuasca, sempre fazendo a ligação do chá com o estigma surgido a partir do episódio na colônia Cinco Mil.

Em 1985, o vegetal foi suspenso temporariamente pela Divisão de Medicamentos do Ministério da Saúde (DIMED), sendo considerado uma das substâncias psicoativas proibidas pela legislação brasileira. O caso só se reverteu em 1986, quando o antigo Conselho Federal de Entorpecentes (COFEN) se reuniu com o Departamento Médico-Científico da União do Vegetal - DEMEC e expôs o chá a uma análise científica rigorosa, com direito a visitas investigativas aos centros ayahuasqueiros e uma bateria de testes.

O Departamento Médico-Científico da União do Vegetal foi instituído em 1986 com a principal meta, à época, de provar através de pesquisas que o enteógeno não causava nenhum dano físico aos que o comungavam.

A União do Vegetal foi a primeira das religiões ayahuasqueiras a se preocupar em não somente comungar o chá sacramental, mas também em

estudar os princípios químicos e físicos da bebida, não só como uma forma de conhecer melhor o enteógeno, mas também com o objetivo de prestar contas às autoridades publicas sobre a natureza não prejudicial da ayahuasca, assegurando a continuidade do seu uso em rituais religiosos.

Após as análises, realizadas juntamente com o antigo COFEN e o DIMED, ficou provado que o chá não causava nenhum dano ao homem, sendo desencorajado somente o uso por pessoas com esquizofrenia. A ayahuasca então foi alçada da categoria de substância proibida à condição de objeto de pesquisa, e liberada somente para uso ritualístico.

O DEMEC é um canal de ligação da União do Vegetal com a comunidade acadêmica. Através deste Departamento, foram realizados nos últimos vinte e quatro anos desde o início das pesquisas vários estudos científicos e quatro congressos internacionais de saúde voltados ao tema ayahuasca. O DEMEC possui especialistas, médicos, químicos e profissionais formados em Farmácia que estudam, analisam em laboratórios e buscam compreender os efeitos da ayahuasca. O estudo é realizado de forma séria e, algumas vezes, é feito em parceria com laboratórios de fora da instituição ou órgãos de saúde do Governo Federal.

Por iniciativa do DEMEC, foi criado o Projeto Hoasca, que surgiu a partir dos dois primeiros congressos internacionais, em 1991 e 1993. Nove centros universitários e instituições de pesquisa do Brasil, Estados Unidos e Finlândia conduziram, com o financiamento da *Botanical Dimensions*, nos Estados Unidos, ao todo dez pesquisas que contém aspectos botânicos, fitoquímicos, toxicológicos, farmacocinéticos, neuroendócrinos, clínicos e psiquiátricos da ayahuasca.

O principal objetivo da existência do Departamento Médico-Científico da União do Vegetal é ter subsídios para oferecer à sociedade, quando consultada, informações precisas e seguras sobre os efeitos e propriedades da ayahuasca, desvinculando a bebida de qualquer associação com drogas e deixando clara a missão do chá que, segundos os adeptos, serve para acordar o homem para o mundo espiritual, expandindo sua consciência de forma lúcida e segura, despertando-o para a existência da sua natureza divina.

Em 1987, após o resultado das pesquisas, o enteógeno foi liberado e recomendado apenas para fins ritualísticos. Em 1992, a União do Vegetal e outros grupos principais das linhas ayahuasqueiras brasileiras criaram a “Carta de Princípios das Entidades Religiosas Usuárias do Chá Oaska”, onde os grupos se comprometem a não usar substâncias consideradas ilícitas pela legislação brasileira em seus rituais.

A existência dessa Carta de Princípios não só representa as formas e os padrões que devem ser trilhados diante do consumo da Oaska, como também é um retrato do alcance de propagação dos efeitos causados pelos acontecimentos de 1985, com a inserção do chá entre as substâncias proibidas pela lei brasileira, quando os ayahuasqueiros foram rotulados socialmente como “drogados” ou “viciados”.

O documento surgiu da necessidade de regulamentação, organização, fortalecimento e legitimidade dos grupos diante do preconceito, intolerância e hostilidade que havia se estabelecido desde então da parte da sociedade em relação a grupos ayahuasqueiros, até mesmo àqueles que nada tiveram a ver com os fatos de 1981, como a União do Vegetal.

Do que conseguimos levantar, o que ocorreu no CEFLURIS foi um caso isolado. Os centros ayahuasqueiros proíbem seus sócios e aconselham seus frequentadores a não usar droga. Essa proibição vai além da questão judicial, pois os dirigentes dos centros entendem que o uso de drogas causa não só desequilíbrio espiritual, mas também danos sérios à saúde, como dependência, e outros males bastante conhecidos pela sociedade contemporânea.

Sebastião Mota de Melo, o Padrinho Sebastião, faleceu em 1990, e o CEFLURIS continua existindo, no Céu do Mapiá. É a igreja do Daime mais receptiva à mídia televisiva, que produziu desde os anos de 1980 um material peculiar sobre o assunto ayahuasca, a grande maioria acentuando a ideia equivocada sobre seus efeitos, como também enfatizando o preconceito existente em razão do que aconteceu no CEFLURIS em 1981. No próximo capítulo, serão discutidos alguns exemplos desses trabalhos, produzidos há pouco tempo, e que trazem características sutis em seu conteúdo sobre a posição da mídia atual em relação à ayahuasca.

CAPÍTULO 4 - MÍDIA, ÊXTASE E ESPETÁCULO

Os meios de comunicação passaram por uma transformação evidente desde as primeiras décadas do século XX (quando o rádio acabou com o reinado solitário da mídia impressa), até os dias de hoje. Tal afirmação soa redundante devido a presença constante, força de propagação e atuação dos *media* em nossas vidas.

A influência da mídia na estrutura social contemporânea é uma realidade que só conseguimos perceber com o passar dos anos e na formação da nossa capacidade crítica de mundo. O planeta se tornou uma grande teia comunicacional, onde todos estão interligados por fios, ondas, sons, fibras e sinais.

Esse número de conexões desordenadas, a overdose de palavras, imagens, conhecimentos e a sede gigantesca de informação, cada vez mais voraz, de certa forma banalizam aspectos primitivos e essenciais da raça humana, como seus antigos valores, sua memória, a necessidade de auto-avaliação e a capacidade de reflexão da precisão real de tanta parafernália tecnológica em detrimento do respeito a elementos oriundos de suas raízes culturais mais profundas.

> Parte apreciável das mudanças na forma contemporânea de viver vincula-se à primazia da comunicação na ambiência tecnocultural. Primeiro, pela capacidade de redes infoeletrônicas, satélites e fibras ópticas de interligar povos, países, culturas e economias, procurando unificá-los em torno de sínteses de uma hipotética vontade geral. Segundo, porque as relações sociais e os processos de produção simbólica estão cada vez mais midiatizados – isto é, sob a égide de mediações e interações baseadas em dispositivos teleinformacionais (MORAES, 2006, p. 11).

Nesse campo de batalha comunicacional, nada que seja veiculado pelos meios de comunicação está livre de ser analisado, principalmente porque tudo que é transmitido pela mídia, aliada à indústria cultural, tem um objetivo claro e delimitado em relação à sociedade a que se destina e a qual pertence. Jornais, novelas, desenhos animados, programas de auditórios e outros gêneros têm sua

estrutura, horário, elenco e atmosfera programados para a recepção de um público específico.

> Os produtos da cultura da mídia, portanto, não são entretenimento inocente, mas têm cunho perfeitamente ideológico e vinculam-se à retórica, às lutas, a programas e a ações políticas. Em vista de seu significado político e de seus efeitos políticos, é importante aprender a interpretar a cultura da mídia politicamente a fim de descodificar suas mensagens e efeitos ideológicos (KELLNER, 2001, p. 123).

Principalmente em relação aos programas informativos, que possuem uma mensagem mais direta, a necessidade de conscientização geral, coletiva, em relação aos desmandos ideológicos midiáticos torna-se urgente. Poucos, hoje, conseguem ter o nível de perspicácia e senso de observação e análise apurados, a ponto de conseguir identificar todos os métodos e objetivos utilizados pelos meios de comunicação, em especial a televisão, ao veicular uma notícia ou reportagem.

Em relação à religião, fica clara a soberania católica/evangélica nas emissoras de televisão ao se abordar outra linha de crença, diferenciada e considerada exótica. Isso acontece principalmente porque a igreja católica hoje continua ligada ao poder, como era desde tempos medievais. O jogo de interesse religioso e político são inseparáveis, ficando como papel da religião a função de conformar a massa, explicando com dogmas e vontades de seres superiores as mazelas e privações pelos quais esta sofre, quase sempre culpa da má política que rege os grandes governos.

Isso não é exclusividade do Catolicismo e os líderes pentecostais também começaram nas últimas décadas a buscar lugares de poder na sociedade, procurando reforçar o preconceito contra outras religiões e divulgar ideias rasas sobre as mesmas, com a característica de serem mais agressivos e persuasivos do que os católicos.

Com relação às religiões ayahuasqueiras, é rara a discussão não ser direcionada à espetacularização do ritual e a abordagem sensacionalista do assunto, quase sempre vinculando o ato de comungar o chá como algo feito com

o único objetivo inconsistente de obter visões, revelações, no intuito de resolver problemas espirituais.

Quando a abordagem não é tão direta, utiliza-se uma maneira sutil de colocar tal crença como algo exótico pejorativamente, dando ao assunto uma carga dramática, díspare em relação ao que ela representa no contexto social em que está inserido e na vida dos que participam. Tal sensacionalismo presente na reportagem ou notícia mais prejudica do que auxilia a compreensão de leigos sobre o assunto, deixando sempre algo nebuloso, ainda que aparentemente se esteja falando de forma neutra. Esse tipo de comportamento da mídia banaliza os aspectos culturais fortes que cercam o universo das religiões ayahuasqueiras, reduzindo o culto, o ato religioso, a mero espetáculo.

> Para muitos, o maior malefício trazido à cultura pelos meios de comunicação de massa tem sido a banalização cultural e a redução da realidade à mera condição de espetáculo [...] Espetáculo e especulação possuem a mesma origem e estão ligados à ideia do conhecimento como operação do olhar e da linguagem. A cultura está impregnada de seu próprio espetáculo, do fazer ver e do deixar-se ver. A questão, portanto, não se coloca diretamente sobre os espetáculos, mas com o que sucede ao espetáculo quando capturado, produzido e enviado pelos meios de comunicação de massa (CHAUÍ, 2006, p. 14).

Quem se submete a participar de certos tipos de produção, como as filmagens que originam essas reportagens, nem sempre está consciente de que é o principal participante de um material que será veiculado na grande mídia de forma sensacionalista e não desperta para a situação a qual ficou exposto, na maioria das vezes por enxergar, ou ser induzido a acreditar, apenas no valor documental dessas imagens.

Um exemplo analisado nesse trabalho é a série “Êxtase – Ritos Sagrados”, veiculada pelo programa dominical da Rede Globo de Televisão “Fantástico – O Show da Vida” no fim do segundo semestre do ano de 2005. Como o seu próprio nome já indica, não é difícil essa programação transformar realidade em *show*, espetáculo, utilizando-se de forte dramaticidade. Chauí (2006) nos dá exemplo e fala sobre essa característica do programa.

> O forte do ‘Fantástico’ encontra-se no tratamento dado á ciência e à técnica. Em uma inversão, verdadeiramente fantástica, as descobertas científicas e técnicas são apresentadas como se fossem obra de magia – laboratórios são encenados de maneira a aparecer no vídeo em tons pastéis, fartamente iluminados, repletos de aparelhos incompreensíveis, dando a impressão de um saber que escapa ao comum dos mortais, que se posta diante deles como se fossem as modernas caverna de magos e bruxas; as falas e os depoimentos dos cientistas e técnicos são editados, isto é, selecionados e cortados, supostamente a enfatizar os aspectos supostamente misteriosos e miraculosos do trabalho científico e técnico (CHAUÍ, 2006, p. 18).

Apresentada pelo jornalista Pedro Bial, a série “Êxtase” teve como foco as religiões que existem pelo Brasil, mostrando suas particularidades e ritos. O apresentador correspondeu bem ao objetivo da série, pois seu tom de voz, por vezes dramático, contribuía para o objetivo das reportagens: tornar alarmantes aspectos de outras linhas de crença diferenciadas, dando um tom exacerbado, com observações espantadas sobre um ou outro aspecto peculiar de cada ritual.

Com as religiões ayahuasqueiras não seria diferente. Foram filmados o Santo Daime no Céu do Mapiá, que como dito anteriormente é mais receptivo à imprensa, A União do vegetal, em local não citado (supõe-se que seja a sede em Brasília) e duas instituições da Barquinha, o Centro Espírita Daniel Pereira de Matos e o Centro Espírita Luz, Amor e Caridade, ambos em Rio Branco, Acre. A reportagem sobre o Santo Daime possui cerca de 9 minutos e 43 segundos e a da Barquinha e União do Vegetal 9 minutos e 46 segundos.

A grande questão que existe em fazer uma reportagem para a grande mídia sobre essas religiões tão particulares e com um elemento cultural e sacramental forte como o chá ayahuasca, é justamente expandir um assunto que, para os que nele estão inseridos e dele fazem parte é algo comum, corriqueiro e verdadeiro.

As pessoas que participam desses rituais possuem certo conhecimento em relação aos elementos dessa crença, uma visão, um ponto de vista bastante íntegro. Independente da linguagem que se use, a televisão não pode reproduzir a realidade em vídeo. A forma como ocorrem as celebrações, as sensações e a

importância que a realização desses rituais têm para essas pessoas não podem ser capturados pelas câmeras, até por uma incapacidade do próprio veículo em “pegar” de todos os ângulos os acontecimentos que se propõe a registrar.

Ao transpor o universo dessas religiões para o grande público, automaticamente elas perdem várias características particulares intransponíveis para o registro, a exemplo da satisfação dos membros ou mesmo os “milagres”, atribuídos aos contatos religiosos.

Ao contrário do que aconteceria se fosse realizado um documentário antropológico para fins de registro, documentação e estudos culturais, onde teriam sido empregados outros tipos de técnicas para se aproximar desses grupos religiosos, o que faria com que muito mais detalhes imperceptíveis a leigos, pudessem ser registrados com propriedade.

A própria série já inicia de forma exacerbada a começar pelo seu título “Êxtase – Ritos Sagrados”. O jogo com a sonoridade e a grafia da palavra êxtase em inglês e português, ou seja, “ecstasy” e “êxtase” respectivamente, é bem interessante, pois já realiza um prelúdio sutil do conteúdo da programação. Quem ouve e vê o nome da série repetidas vezes e possui a informação da existência da droga sintética homônima, dificilmente não realizará um paralelo com a mesma, ainda que aparentemente de forma inconsciente.

O som é marcante e funciona como uma espécie de “preparador” na mente de quem vai receber as informações veiculadas em relação às religiões que serão apresentadas, principalmente aquelas que apresentam alguma substância psicoativa em seus rituais.

A seleção de imagem dos rituais, o semblante das pessoas em transe espiritual através do enteógeno, a entonação na voz do apresentador e, principalmente, o tempo de fala dos psiquiatras podem ser aspectos determinantes na recepção da reportagem pela sociedade e que devem ser levados em consideração.

O primeiro psiquiatra fala que o uso do chá por esquizofrênicos deve ser desaconselhado e também sobre casos de psicose em usuários; ele representa uma espécie de “acusador” do chá. O segundo psiquiatra, freqüentador dos cultos

há 25 anos, fala da ayahuasca enquanto enteógeno, que é comungado pelas pessoas com o objetivo de introspecção, ou seja, ele é o agente de “defesa” da bebida.

O “psiquiatra acusador” diz que “há casos, de principalmente jovens, adolescentes, que utilizaram ayahuasca e desenvolveram sintomas psicóticos, sintomas do tipo da esquizofrenia. Nesse sentido, a ayahuasca sempre deve ser utilizada com cuidado dentro do contexto religioso cultural. E pessoas que já têm os sintomas ou experiências psicóticas devem ser desencorajadas de utilizar ayahuasca”. Já o psiquiatra da “defesa” afirma que “O efeito básico do daime é induzir a pessoa, através de uma alteração de consciência, a um contato receptivo consigo mesmo”. Fica evidente o tempo diferenciado concedido a cada um dos entrevistados.

São oferecidos 30 segundos para acusação e 19 segundos para a defesa, que só aparece no primeiro vídeo sobre o Santo Daime. No vídeo seguinte (exibido no domingo subsequente), no programa que aborda a Barquinha e a União do Vegetal, só se pronuncia a acusação. Em uma reportagem de televisão, segundos representam uma parcela de tempo significativa, e o tempo de fala sobre determinado aspecto do objeto em discussão pode direcionar a opinião dos telespectadores para alguma das possibilidades de posicionamento sobre o assunto. Ou seja, isso pode sim ser manipulado.

No fim das reportagens Pedro Bial diz que o uso sacramental do chá ayahuasca é permitido pelo governo brasileiro, mas que “é preciso alertar, pois na avaliação da associação brasileira de psiquiatria, ele possui uma substância chamada DMT – dimetiltriptamina, contida na folha chacrona e que é um agente alucinógeno potente”, em seguida entra a fala do psiquiatra “acusador” sobre casos de esquizofrenia em jovens pelo uso do chá, nas duas reportagens.

Independente do que tenha sido dito “positivamente” sobre o assunto antes ou depois dessa afirmação, (e também a fala do psiquiatra daimista e a informação sobre a existência do Departamento Médico-Científico da União do Vegetal), o impacto da declaração final é muito forte, e somente vem tentar dar uma exoticidade pejorativa à religião, deixando incerteza sobre a veracidade dos

rituais, contribuindo para o estigma dos ayahuasqueiros como seguidores de uma crença fundamentada em alucinações.

Assim como a série “Êxtase – Ritos Sagrados”, do programa “Fantástico” da Rede Globo de Televisão, outras emissoras também já veicularam material sobre as religiões oaskeiras, falando de forma sensacionalista sobre seus trabalhos, por vezes, de maneira muito mais agressiva do que na série analisada. Esse material que citamos é só um dos inúmeros exemplos da sutilidade e perspicácia que as emissoras dominantes da mídia possuem para formar opiniões, ditar comportamentos, autenticarem a própria soberania enquanto detentoras do monopólio da comunicação e manterem o predomínio das religiões que de certa forma as financiam.

Até o fechamento deste trabalho, o assunto ayahuasca veio à tona de forma polêmica na mídia, primeiramente em razão da morte do estudante Fernando Henrique Queiroz Tavares, que sofria de Síndrome de Marfan, enfermidade degenerativa do coração, em uma chácara ayahuasqueira. Fernando, que tinha 18 anos, começou aos 15 a usar drogas como ecstasy, LSD e haxixe, e segundo sua mãe, em depoimento à revista *Isto É (nº2100),* depois que começou a freqüentar a igreja ayahuasqueira Céu de Krishna, localizada na região metropolitana de Goiânia, ele largou o vício, parou de sair à noite e voltou a estudar.

No dia 15 de novembro de 2009, às 4h30 da manhã, horas após consumir o enteógeno, o rapaz sentiu-se fraco, com dificuldade de respirar e faleceu. Diante do que já foi pesquisado cientificamente em relação à ayahuasca, é improvável que o chá possua alguma relação com o ocorrido. No entanto, durante a semana do caso, várias matérias começaram a aparecer na mídia impressa e televisiva, apontando o chá como possível causa *mortis,* mesmo sem o laudo oficial ter sido publicado.

O chá voltou a ser notícia no dia 26 de janeiro de 2010, quando o Conselho Nacional de Políticas Sobre Drogas (CONAD), do Gabinete Institucional da Presidência da República, autorizou através de uma resolução publicada no Diário Oficial da União o consumo da bebida em rituais religiosos, vedando sua utilização com fins comerciais e turísticos.

Essa notícia quase não foi veiculada, mas quando citada pelos meios de comunicação, era sempre atrelada ao discurso de legalização ou não das drogas. Antes disso, em maio de 2008, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura (IPHAN/MINC) recebeu um pedido de reconhecimento do uso ritualístico da ayahuasca como bem cultural de natureza imaterial.

A solicitação foi entregue ao então Ministro da Cultura na época, Gilberto Gil, por sete grupos religiosos que utilizam o chá, quando a comitiva estava em visita ao Acre para lançamento do programa Mais Cultura. O IPHAN avaliou como legítimo o pedido, pois foi detectada a necessidade de um estudo mais aprofundado desses rituais nas populações tradicionais da Amazônia, principalmente as comunidades indígenas. Esse acontecimento também não foi veiculado com ênfase.

Os dois casos mais recentes e talvez o ápice da frequência da ayahuasca nos noticiários foi o afogamento do estudante Alexandre Viana da Silva, de 18 anos, em um lago em Ananindeua, Pará, depois de tomar o chá em um culto independente e o assassinato do cartunista Glauco Villas Boas e de seu filho Raoni, na madrugada do dia 12 de março.

O primeiro caso reacende o debate e a necessidade da regularização das religiões ayahuasqueiras e do uso somente ritualístico da ayahuasca. Trata-se de uma substância natural psicoativa e um direcionamento cuidadoso realizado pelos dirigentes do trabalho religioso em relação às pessoas que utilizam o enteógeno é muito importante, evitando atitudes perigosas como nadar sob efeito do psicoativo. Mesmo se tratando de um culto independente, a mídia televisiva continuou a veicular matérias inconsistentes de cunho preconceituoso sobre as principais religiões ayahuasqueiras.

O assassinato de Glauco Villas Boas e de seu filho Raoni, pelo estudante Carlos Eduardo Sundfeld Nunes, o Cadu, foi até agora o caso que mais provocou repercussão. Glauco era o dirigente da igreja do Santo Daime Céu de Maria, em São Paulo, freqüentada algumas vezes pelo estudante Cadu, jovem com histórico de esquizofrenia na família e usuário de drogas.

Primeiramente, foram veiculados simplesmente os assassinatos do artista Glauco Villas Boas, que com humor perspicaz foi ícone de uma geração de cartunistas desde os anos 80, e de seu filho Raoni, de 25 anos, por um “meliante”. Em seguida, surgiu a informação de que Glauco era dirigente de uma igreja do Santo Daime e que Cadu, mesmo com mais de seis meses sem comungar o enteógeno, era ex-frequentador do local.

Foi o início de uma avalanche de informações desencontradas, declarações inconsistentes, e uma espetacularização do caso. Mais uma vez, culpou-se a ayahuasca, acusando-a até como provável causa do possível desequilíbrio mental que sofreria Cadu, jovem com uma história conturbada de uso de drogas e desequilíbrio familiar.

Pouco é o material considerado relevante produzido nesse período. Algumas revistas de circulação nacional que fizeram reportagens sobre o acontecido protagonizaram uma série de equívocos onde se percebia claramente desinformação, sensacionalismo, espetacularização e falta de preparo. Tais publicações seguiram o mesmo formato de preconceito, veiculado primeiro por outros meios de comunicação, como a internet e a televisão.

Talvez esse comportamento ainda seja resquício da ignorância que a nova geração possui, inclusive a ocidental, em relação aos costumes ancestrais e milenares dos grandes povos, principalmente em relação às religiões de matrizes indígenas e africanas. No caso da cultura indígena, objeto de estudo em questão, a quebra da ligação cultural ocorreu, no Brasil, desde a chegada dos portugueses, com o massacre de milhares de índios e a absorção forçada dos mesmos de uma religião cristã.

Essa ligação foi quebrada também pela própria sociedade contemporânea, que elegeu como modelo de conduta e exemplo o padrão europeu do homem branco, cristão, conservador, burguês. Características estas incorporadas pela maioria dos setores e instituições criados e administrados pela sociedade atual, e que refletem diretamente em suas instituições, como por exemplo, a mídia.

A busca pela compreensão e quebra desse estigma nas novas gerações já existe e alguns já procuram contemplá-lo. O uso ritualístico da ayahuasca e o

posicionamento tomado por algumas pessoas que dele participam representam de certa forma uma religação com essa origem perdida. Sem esforço nenhum, as religiões ayahuasquerias e seus patriarcas negros, pobres, trabalhadores, caboclos e nordestinos, vêm de encontro a essa ideia criada do monopólio da futilidade, do consumismo, do capitalismo desenfreado, da corrida pelo lucro acima de tudo e dos pensamentos e ideais descartáveis. E por isso ela será combatida pelas armas que o Imperialismo tem, talvez as mais poderosas, que são os meios de comunicação.

O grande problema hoje é o véu que se coloca diante de cada individuo impedindo-o de conhecer a realidade tal como ela é, e não a contada pelos meios de comunicação. Procurar saber o porquê de cada acontecimento, entender o outro, seus costumes, sua individualidade.

Sem essa capacidade de compreensão dos iguais, de sua cultura diversa e da necessidade do respeito, que deve existir entre todos em qualquer situação, torna-se impossível uma convivência pacífica, encaminhando a humanidade para abismos cada vez mais profundos, como o da ausência total de comunicação, o desconhecimento dos irmãos de espécie e, consequentemente, conflitos que nos farão chegar ao caos total, privando-nos de um planeta melhor e mais habitável ou, quem sabe, de um paraíso, caso exista algum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religião funciona atualmente, para muitos, como um verdadeiro porto seguro, um dos poucos motivos pelos quais o homem ainda sobrevive em razão dos problemas e obstáculos colossais que se colocam diante dele dia após dia. Talvez seja por isso que ainda é utilizada como principal via de ataque pelos detentores dos meios de comunicação, os que talvez mais lucrem com esse apego e necessidade de esperança.

A fé é o ponto fraco daqueles que têm como maior professora a televisão, o veículo muitas vezes incumbido de converter a crença numa força superior à humana em alienação, transformando em valores monetários a necessidade das pessoas acreditarem em uma força superior, que teria o poder de resolver suas mazelas de forma milagrosa; uma questão até mesmo de sobrevivência.

Parece ser fácil hoje analisar a mídia pelo que é produzido nas empresas de comunicação e veiculado pelos *media*. Nunca se viu tanto material nocivo passível de análise à solta, e pronto para ser absorvido por algum desavisado. Porém, diante da abundância de assunto, o mais indicado é escolher aqueles que possuem maior capacidade de propagação e inserção na sociedade.

As linhas ayahuasqueiras são apenas alguns dos exemplos de crenças, filosofias, pensamentos e estilos de vida rotulados e massacrados pelos canais de televisão. As duas religiões dominantes no Brasil são a Católica e a Evangélica, no entanto isso ocorre hoje mais por intermédio de um processo mútuo de influencia do que por uma predominância natural dessas religiões no país. O problema é justamente o predomínio, neste processo, do sentido mídia-sociedade no envio de informação, e não mais o contrário.

Esse sentido de influencia vem se invertendo desde a chegada da televisão no Brasil. Hoje consolidada nos lares, a mídia televisiva não busca somente se adaptar à sociedade como antes, pois não há mais necessidade desse processo quase unilateral. Agora, ela utiliza elementos presentes na própria sociedade para ditar o que deve ser seguido e tido como verdade absoluta. Mais do que nunca,

abusa da capacidade de persuasão, deixando de lado até a imparcialidade nas pesquisas de opinião, comportamento e gosto popular.

As empresas de televisão contribuem direta e indiretamente para a manutenção da hegemonia cristã no País. Os espectadores recebem todos os dias um verdadeiro bombardeio de informações sobre essa ou aquela linha de pensamento, informações tidas como verdades absolutas ou apresentadas de forma sorrateira em programas falsamente rotulados como simples entretenimentos.

Os sinais que se apresentam para a identificação de indícios de técnicas de persuasão, a partir dos quais poderíamos iniciar uma discussão sobre o modo de atuação da mídia televisiva na sociedade são, às vezes, imperceptíveis. A consciência comum de normalidade diante do grotesco e a letargia coletiva de grande parte dos telespectadores responsáveis pela audiência e lucro das emissoras são dois fatores que dificultam a busca pela liberdade de opinião, pensamento e interpretação do mundo.

Esta monografia trilhou apenas um dos caminhos para se tentar entender os diversos modos de pré-conceitos alimentados pelo império midiático que nos governa, e o que ele ganha com isso. A discriminação não só religiosa, mas de qualquer outra natureza, e a falta de entendimento entre semelhantes não deixarão de existir em razão deste trabalho, mas a busca pela compreensão já é um importante passo rumo à transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRISSAC, Sérgio. **José Gabriel da Costa:** trajetória de um brasileiro, mestre e autor da união do vegetal. UFRJ, Dissertação de mestrado em Antropologia Social: Museu Nacional, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder – uma análise da mídia**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

DUBOIS, Phillipe. **O ato fotográfico**. 9 ed. Campinas: Papirus, 2006.

GOMES, Hélio (5 de Fevereiro de 2010). **A encruzilhada do daime**. Isto É, p. 68.

GOULART, Sandra Lúcia. **Contrastes e continuidades em uma tradição amazônica:** as religiões da Ayahuasca. Universidade Estadual de Campinas. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Departamento de Antropologia, 2004.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia, estudos culturais:** identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

LIRA, Wagner Lins. **Os trajetos do êxtase dissidente no fluxo cognitivo entre homens, folhas, encantos e cipós:** uma etnografia ayahuasqueira nordestina. Dissertação de mestrado, Antropologia, CFCH, Recife, Universidade Federal de Pernambuco. 2009, 254p.

MACRAE, E. **Guiado pela lua - xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime.** São Paulo: Brasiliense, 1992.

MORAES, Dênis de (org). **Sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2006.

RIBEIRO, José Wagner. **A televisão como instrumento de manipulação da fé**. UFRJ, Tese de Doutorado em Comunicação Social, 2001.

VARELLA, Alexandre Camera. **A cultura do uso de psicoativos nas grandes civilizações pré-colombianas.** USP, Pós-Graduação em História Social, 2005.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

BELLOTI, Karina Kosicki. **Mídia, religião e história cultural.** PUC, Pós-Graduação em Ciências da Religião: REVER – Revista de Estudos da Religião, 2004. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/p_bellotti.pdf. Acesso em: 15 de outubro de 2009.

Série Êxtase – Ritos Sagrados - Fantástico - Santo Daime

http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM384663-7823-EXTASE+RITOS+SAGRADOS,00.html

Série Êxtase – Ritos Sagrados - Fantástico - União do Vegetal

http://www.youtube.com/watch?v=gWveZgEdg4g&feature=related

Artigo de Bia Caiuby Labate no site Observatório da Imprensa – Sobre Caso Glauco

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=583JDB005

ANEXO

- A História da Oaska (baseada na contada pela União do Vegetal)

Existiu a milhares de anos, antes do dilúvio universal, um Rei de nome Inca. Este Rei tinha uma conselheira que se chamava Oaska.

Era uma mulher misteriosa que tinha o poder de adivinhar tudo que viria a acontecer, qualquer dificuldade que o Rei tinha, ia aconselhar-se com sua conselheira e ela orientava-o no que era necessário, e assim o reinado prosperava.

Tudo Oaska dirigia. Mas, um dia Oaska morreu.

O Rei ficou triste com o acontecimento, mas não teve outra coisa a fazer a não ser cavar uma sepultura e sepultar Oaska. E assim fez.

Ficou o Rei Inca zelando por aquela sepultura e vinha sempre em visita. Um dia, o Rei em visita à tumba de Oaska, viu nascido no centro da sepultura um pé de árvore.

Olhou, examinou e viu que aquela árvore era diferente de todas as árvores e não tinha nome. Então diz o Rei: “-Essa árvore nasceu na sepultura de Oaska, essa árvore é Oaska”. Nome dado pelo Rei Inca.

Nesses tempos nasce no mesmo reinado um menino de nome Tihuaco. Este menino, inteligente, cresceu e chegou a ser marechal de confiança do Rei Inca. Marechal Tihuaco já conhecia a história da mulher misteriosa contada pelo Rei. Um dia vem o Rei em visita à sepultura da Oaska acompanhado de seu Marechal Tihuaco.

Chegando na sepultura diz o Rei: “-Tihuaco, quem sabe se nós tirássemos folhas dessa árvore, quem sabe nós não poderíamos conversar com o espírito de Oaska para descobrirmos seus segredos e mistérios? Vamos experimentar?”

Tirou então algumas folhar, preparou um chá e disse: “-Tihuaco, bebe esse chá e veja se pode falar com o espírito da Oaska para descobrir seus segredos e mistérios”.

Tihuaco bebeu e a Força de Oaska veio crescendo e crescendo, veio circundando-o e crescendo, chegando ao ponto de Tihuaco não suportar e morrer dentro da Força.

O Rei ficou desorientado pelo acontecimento, mas não teve nada a fazer a não ser cavar outra sepultura e sepultar Tihuaco. E assim o fez. Cavou uma sepultura e sepultou Tihuaco, e ficou zelando por aquelas duas sepulturas.

Um dia veio o Rei em visita à sepultura da Oaska e à sepultura de Tihuaco e viu nascido no centro da sepultura de Tihuaco um pé de cipó diferente de todos os cipós e não tinha nome. Então diz o Rei: “-Esse cipó nasceu na sepultura de Tihuaco, então esse cipó é Tihuaco”.

Algum tempo depois o Rei Inca também veio a morrer. Contudo, mesmo ao morrer, tinha o pensamento preso em Oaska, porque queria descobrir os segredos e mistérios dela.

Passa-se o tempo.

Muitos anos depois nasceu um menino que recebeu o nome de Salomão. Este menino era todo dotado de Ciência e de Sabedoria. Sendo sábio, até hoje combate a curiosidade. Salomão estudou de si e tornou-se o rei da Ciência. O Rei Salomão.

E a história da mulher misteriosa circulava o mundo.

Um dia, chegou aos ouvidos de Salomão a história da mulher misteriosa. E só ele mesmo, como Rei da Ciência, poderia descobrir os mistérios e segredos de Oaska, sendo ele o conhecedor de toda Ciência.

Certo dia vem então o Rei Salomão, acompanhado de seu vassalo Caiano, na procura da descoberta dos mistérios. Caiano esse, reencarnação do próprio Rei Inca. Chegando naquele antigo reinado já transformado em tapera, Salomão encontrou a sepultura de Oaska e a sepultura de Tihuaco.

Chegando na sepultura de Oaska, diz Salomão tocando na árvore: “-Desta árvore, que tiraram as folhas e fizeram um chá e deram para Tihuaco beber, e Tihuaco bebeu e morreu dentro da Força, venho a denominar Chacrona, que quer dizer Chá Temeroso, para aqueles que não o respeitam.”

Em seguida dirigiu-se à sepultura de Tihuaco e, encontrando ali um cipó, tocando-o confiou que nele existia o Marechal. Salomão então diz: “-Tihuaco é Mariri, Tihuaco é Marechal...”

Declara então Salomão: “-Eu venho fazer a União do Vegetal, do Mariri com a Chacrona.”

CHAMADA DA UNIÃO

“É O MARIRI COM A CHACRONA
EM UNIÃO É QUEM NOS CONDUZ

É O MARIRI COM A CHACRONA
OS DOIS UNIDOS É QUEM NOS CONDUZ
O MARIRI NOS DÁ A FORÇA
E A CHACRONA NOS DÁ A LUZ
É O MARIRI COM A CHACRONA
EM UNIÃO É QUEM NOS CONDUZ
É O MARIRI COM A CHACRONA...”

Então Salomão tirou alguns pedaços do cipó e algumas folhas da árvore, uniu esses mistérios e preparou um chá e chamou seu vassalo Caiano e disse com palavras firmes:

“-Caiano, beba esse Chá, receba a Comunhão do Vegetal e siga firme para receber todo o Poder de Oaska, todo Poder do Vegetal, todos os segredos e mistérios da Oaska. Toda vez que a Força vier crescendo e você ver que não suporta, lembre-se que Tihuaco é Mariri e que ele morreu dentro da Força, ele é o Rei da Força.”

Caiano bebeu e a Força do Vegetal veio crescendo e crescendo, Caiano vendo que não ia suportar, lembrou-se da voz do Mestre Salomão e chamou:

“TIHUACO É MARIRI
TIHUACO É MARECHAL
TIHUACO É O GRANDE REI
NO SALÃO DO VEGETAL
TIHUACO É MARIRI
MARIRI É MARECHAL
O MARECHAL É O GRANDE REI
NO SALÃO DO VEGETAL”

Caiano então diz ao Mestre Salomão: “- Mestre, eu vi tudo, entrei nos encantos da Natureza e vi tudo”.

Salomão repreende Caiano: “-Caiano, como é que tu viste tudo? Se os encantos são de Natureza Divina? Vivem fechados e para se penetrar deve-se pedir licença à Natureza Divina, que na minha língua é Minguarana.”

“OH! MINGUARANA TU, ABRIREI O TEU ENCANTOS
E TRAREI... TRAREI OS TEUS ENCANTOS...”

Continua Salomão: “- Os encantos então estão abertos, temos que pedir, porém, para a Natureza Divina nos levar.”

“Ô MINGUARANA TU, CLAREI OS TEUS ENCANTOS
E CLAREI, CLAREI OS TEUS ENCANTOS
EU VIM ABRIR MEU ORATÓRIO
AO DIVINO ESPÍRITO SANTO
LUZ, LUZ
DIVINA LUZ...”

Então se revelou assim Caiano como o primeiro oasqueiro, e quando precisamos, chamamos:

“CAIANO MESTRE CAIANO
É O PRIMEIRO OASQUEIRO
EU CHAMO CAIANO, CHAMO BURRACHEIRA
EU CHAMO CAIANO, CHAMO BURRACHEIRA...”

Caiano continuou fazendo e distribuindo o Vegetal para as pessoas, mostrando o que esse Vegetal podia fazer-lhes, ensinando a caminhada de ser direito na vida. Equilibrando, firmando o pensamento de cada um...

Chegou finalmente o dia em que Caiano teve que deixar também este plano de existência, ficando o Vegetal esquecido por muito tempo.

Um dia no Astral, Caiano recebe Ordem Superior para restaurar o Vegetal na Terra e pergunta: “-Quando?”. A resposta: “-Ir agora!”.

Com essa palavra dita, Caiano reencarnou com o nome Iagora, no meio dos nativos das montanhas dos Andes onde hoje é o Peru, ensinando essa mesma história contada acima e pedindo sempre por Força.

O Mestre Iagora então é muitas vezes lembrado e chamado com essa expressão de seu nome, pedindo orientação que sempre vêm chegando.

Por relembrar a história do Rei Inca junto aos nativos deste lugar, eles começaram a chamar Mestre Iagora de Rei Inca, vindo a emprestar o nome de sua antiga encarnação ao Império Inca dos Andes.

Veio também Mestre Iagora a desencarnar, e seus discípulos todos se dispersaram pelos Andes e Alto-Amazônas, e vieram a ser conhecidos posteriormente esses homens como os Mestres da Curiosidade.

Mas o Mestre é sempre o Mestre, e lá onde estava, sentiu a necessidade de recriar a União do Vegetal, voltando a encarnar.

Nasceu no Brasil chamando-se José Gabriel da Costa, sendo este, o mesmo Rei Inca, sendo o mesmo Mestre Caiano, sendo o mesmo Mestre Iagora, esse é o Mestre Gabriel em uma só Força e em uma só Luz, mostrando, ensinando, equilibrando, colocando todos dentro de um caminho Firme.

José Gabriel, sempre guiado por uma Força Superior, serviu a esse Reino Astral de diversas formas, até que se encaminhou para a Floresta Amazônica onde trabalhou como seringueiro e lá recebeu o Sacramento do Vegetal novamente.

Relembrando suas encarnações passadas, adentrou nas matas à procura dos Mestres da Curiosidade para com eles receber sabedoria, mas teve uma decepção. Ao encontrá-los, constatou que eles mesmos não sabiam nada. O que lá viu e reaprendeu é um segredo particular, mas como Avatar nos traz também sua luz.

A viagem ao coração perdido da floresta não havia sido em vão. Fora uma viagem iniciática de qualquer forma, e dela voltando, Mestre Gabriel refunda a União do Vegetal para o benefício de toda a humanidade, para trazer aos homens a perene sabedoria da união entre os Homens e a Natureza, possibilitando sempre haver de agora em diante, disponível, Luz, Paz e Amor para que todos reencontrem seu caminho ao Divino.

ANEXO

Jornal de Debates

CASO GLAUCO

Cobertura com muitos equívocos

Por Beatriz Caiuby Labate em 30/3/2010

A morte do cartunista Glauco colocou o tema da ayahuasca em evidência no debate nacional, talvez como nunca antes tenha ocorrido. Num primeiro momento, exceto pouquíssimas exceções, observou-se um comportamento respeitoso da mídia em relação ao Santo Daime: é como se um cantor famoso tivesse morrido e, nesta ocasião, fosse revelada uma faceta sua pouco conhecida do grande público: o pertencimento a uma determinada minoria religiosa. A mídia mostrou os fiéis cantando músicas religiosas no enterro, divulgou cânticos sagrados "recebidos" por Glauco, procurou conhecer sua personalidade como líder religioso e a história da igreja que criou, assim como dos grupos ayahuasqueiros em geral. Paradoxalmente, parecia que era a primeira vez que o Daime era retratado na mídia não como um problema ou questão, mas figurava apenas como simples religião – legítima, como tantas outras.

Em seguida, começaram a aparecer as primeiras contradições e tensões envolvendo o caso, como a versão falsa divulgada pelo advogado de Glauco. O enfoque sobre a religião em si, contudo, manteve-se neutro. É possível especular que isto se dê em função, de um lado, da violência do episódio e, de outro, da tristeza gerada pela perda de um personagem tão talentoso e querido por todos. Tais fatores, possivelmente, conferiram um certo manto de proteção especial na abordagem deste tema que geralmente levanta tantas polêmicas.

"Santo Pirlimpimpim"

Com a revelação de que o crime fora cometido por um ex-membro da igreja e a proliferação de declarações do assassino e da família, naturalmente uma série de questionamentos começaram a ser feitos – o que é saudável. Neste momento, contudo, ocorreu uma passagem brusca de uma boa parcela da mídia para uma nova fase, onde voltou à tona, sem a menor cerimônia, a velha abordagem preconceituosa e estereotipada que tem pautado o debate público sobre as drogas.

Muito poderia ser dito sobre isso. Luciano Martins Costa, no artigo "Daime, ignorância e preconceito", publicado em 22/03/2010 neste *Observatório*, destaca com propriedade que a reportagem da revista *Época* (edição 618, de 20/03/2010) foi bem melhor do que a da *Veja* (edição 2157, de 24/03/2010). Mas não podemos levar a sério demais a *Veja*, que há menos um mês e meio publicou a seguinte nota sem assinatura (edição 2150, de 3/2/2010):

> "Liberado oficialmente pelo governo brasileiro o consumo do santo daime, o chá lisérgico que faz a cabeça do pessoal da nova era com a promessa de abrir a seus seguidores as portas do autoconhecimento. O daime causa alucinações pesadíssimas, provocadas pela dimetiltriptamina, substância presente no cipó da ayahuasca, planta que

> serve de base ao daime e é venerada por seus entuasiastas. O governo diz que autorizou o pessoal a ficar viajandão para respeitar a liberdade religiosa. Cabe a pergunta: se alguém criasse uma religião batizada, digamos, Santo Pirlimpimpim, baseada em aspirações mágicas da cocaína, o Planalto também oficializaria o consumo?"

Facilidade de acesso a armas

Na época, escrevemos uma nota de repúdio a esta e outra reportagem, publicada também neste *Observatório*. A reportagem recente da *Veja* sobre a morte de Glauco segue o mesmo tom da nota anterior, dando continuidade, coerentemente, à linha editorial adotada por esta revista para tratar o tema há pelo menos duas décadas. Em suma, oferecer uma abordagem melhor do que a *Veja* não é grande mérito. A reportagem da revista *Época* me parece mais problemática do que a da *Veja* porque aparenta tratar o tema de forma equilibrada e neutra – e não explicitamente má intencionada – confundindo, neste sentido, muito mais. Eis aqui a série de equívocos:

** A capa manipula e confunde ao apontar o Daime como provável desencadeador do crime. Poder-se-ia, no máximo, sugerir que um quadro problemático (casos de esquizofrenia na família, família desestruturada e uso abusivo de drogas) que eventualmente teria sido agravado pelo consumo da ayahuasca. Mesmo assim, trata-se de especulação, uma vez que não se conhece ao certo os detalhes;

** O texto em si apresenta mais nuances, porém a ênfase em indagar a relação entre "consumir a ayahuasca e matar" revela o tradicional dispositivo anti-drogas que marca o debate público sobre o tema. A pergunta poderia ser, por exemplo: "Até que ponto uma família desestruturada de classe média contribui para um desfecho deste tipo"?

** A ênfase obsessiva no "perigo da droga alucinógena" também deixa de lado a discussão de temas relevantes para entender o caso, como a renda gerada pela proibição do uso de drogas e a facilidade de acesso a armas, além da violência urbana.

Ayahuasca e substâncias psicoativas

** O dispositivo antidrogas revela uma diferença de pesos e medidas: até que ponto renderia uma reportagem sobre o assassinato de um líder da umbanda por um ex-membro, ou a violência associada ao uso de álcool, ou problemas psiquiátricos advindos do consumo de medicamentos controlados legais?

** O texto apresenta de forma desproporcional a versão da família e dos integrantes do Céu de Maria sobre os fatos. Não ficamos sabendo por quanto tempo, com que frequência e em que condições Cadu teria frequentado o Santo Daime;

** Reproduzem-se acriticamente as acusações das correntes ayahuasqueiras entre si, como se fossem parte da "apuração dos fatos", evidências "dos problemas da expansão do CEFLURIS". Boa parte destas críticas, como se sabe, são produto de disputas por autenticidade e pureza, típicas de qualquer campo religioso;

** Confunde ao afirmar que "dois filtros de controle teriam falhado no caso de Cadu", uma vez que não se deve "consumir a ayahuasca sob efeito de bebidas alcoólicas ou outra substância psicoativa". Não sabemos se Cadu consumia a ayahuasca simultaneamente com outras drogas. Além disto, pouco se conhece sobre a interação da ayahuasca com outras substâncias psicoativas do ponto de vista científico,

dificultando o estabelecimento do diagnóstico psiquiátrico de Cadu;

Discursos de cura e de conversões

** Dá voz a supostas denúncias de ex-membros do Santo Daime sem nenhuma investigação, contribuindo para desqualificar o grupo e o debate. O que os eventuais casos extraconjugais de um líder de uma igreja daimista numa igreja do Rio de Janeiro tem a ver com um crime ocorrido em São Paulo?

** O abre "o doido, o daime e o crime" contribui para a estigmatização de pessoas com problemas psiquiátricos. Além disto, não há laudo médico que revele que Cadu seja esquizofrênico. Recordemo-nos que no começo da cobertura sobre o caso os familiares não sugeriram isto;

** O reducionismo no entendimento da doença mental passa ao largo discutir até que ponto os esquizofrênicos causam crimes e até que ponto são vítima de violência de terceiros;

** Embora se afirme que Cadu vinha de uma família problemática, não há uma reflexão crítica explícita sobre a estratégia de defesa do acusado, declarada formalmente pelo advogado que seria "culpabilizar o Daime";

** Requenta o antigo escândalo de Alícia Castilla, sem informar claramente que ela levou a sua filha para tomar Daime e, sobretudo, que perdeu a sua causa na justiça. Também omite que ela é uma militante pela legalização do uso da cannabis, o que é uma informação importante no debate polarizado sobre o uso de drogas;

** Não apresenta dados concretos sobre o suposto aumento da procura do Daime por dependentes. Sabemos que os dirigentes dos grupos afirmam haver esta procura, mas do ponto de vista objetivo não podemos afirmar que o Daime é mais solicitado do que outras denominações religiosas para atender este tipo de demanda. Sabemos também que as religiões são espaços classicamente marcados por discursos de cura e de conversões.

Estigmatização de uma minoria

** Não fornece um bom histórico da regulamentação do uso da ayahuasca no Brasil, e não menciona os mecanismos de controle existentes no contexto destes grupos. Existe uma forte cultura de preparo e consumo da ayahuasca, todo um saber empírico e teórico acumulado que não é destacado. Se a intenção fosse contribuir para o debate de maneira séria, seria necessário contextualizar melhor o crime como uma exceção dentro da realidade empírica do consumo da ayahuasca no país e propor uma crítica construtiva a partir do ocorrido;

** O texto é acompanhado de um box de Paulo Nogueira, "O daime, o vodu e o confucionismo", o qual explicita uma tese que aparece apenas difusa na reportagem, que é a de questionar o mérito da própria religião do Santo Daime. O autor despreza e ridiculariza o Daime, chamando-o de "religião primitiva", "produto de um delírio", "crendice", "transe depressivo", "música rústica", "palavreado que faz de Lula um Bilac". Repete assim o clássico discurso etnocêntrico e preconceituoso contra as religiões de origem popular e incita à guerra religiosa, além de sugerir sem base em nada que a expansão do Santo Daime poderia levar o país ao caos;

** Contribui para a estigmatização de uma minoria religiosa, já bastante perseguida.

Como observaram meus colegas do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoactivos (NEIP), em evento de lançamento do livro *Drogas e Cultura: Novas Perspectivas*, realizado em 23/03/2010 no Centro Cultural São Paulo, em São Paulo (ver aqui), onde também foi lida uma homenagem ao líder assassinado (ver aqui), Glauco, depois de morto, é re-assassinado pela mídia, passando de vítima a algoz.

Beatriz Caiuby Labate é antropóloga pesquisadora associada do Instituto de Psicologia Médica da Universidade de Heidelberg.

Referência para citar este texto:

FERREIRA, I.R. Mídia e Religião: o Tratamento Televisivo do Chá Religioso Ayahuasca. *Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos* (NEIP), 2010. Disponível em: www.neip.info.